



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

TÂNIA CAROLINA VIANA DE OLIVEIRA

**O ROCK E O SERTÃO: JUVENTUDE, CONSUMO E ESTILO DE
VIDA EM SERGIPE**

São Cristóvão – SE

Maio, 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ANTROPOLOGIA
MESTRADO EM ANTROPOLOGIA

TÂNIA CAROLINA VIANA DE OLIVEIRA

**O ROCK E O SERTÃO: JUVENTUDE, CONSUMO E ESTILO DE
VIDA NA PRODUÇÃO CULTURAL SERGIPANA**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia (NPPA) da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Antropologia, sob orientação do Prof. Dr. Frank Marcon e co-orientação do Prof. Dr. Luiz Gustavo Correia.

São Cristóvão- SE

Maio, 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

O48r Oliveira, Tânia Carolina Vieira de
O rock e o sertão : juventude, consumo e estilo de vida
na produção cultural sergipana / Tânia Carolina Vieira
de Oliveira ; orientador Frank Nilton Marcon. – São
Cristóvão, 2014.
96 f. : il.
Dissertação (Mestrado em Antropologia) -
Universidade Federal de Sergipe, 2014.
1. Jovens - conduta. 2. Rock - consumo. 3. Festivais de
música - Sergipe. I. Marcon, Frank Nilton, orient. II. Título.

CDU 316.346.32-053.6

TÂNIA CAROLINA VIANA DE OLIVEIRA

**O ROCK E O SERTÃO: JUVENTUDE, CONSUMO E ESTILO DE
VIDA NA PRODUÇÃO CULTURAL SERGIPANA**

Dissertação apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em
Antropologia da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Antropologia

BANCA EXAMINADORA:

Ao meu filho Ian.

AGRADECIMENTOS

Escrever sobre agradecimentos é realmente uma tarefa difícil, visto que tantas pessoas contribuíram para a concretização dessa etapa. Acredito que eu devo mais aos meus entes mais próximos, que acompanharam mais de perto essa trajetória: Neide e Juarez (meus pais), minha irmã Camila, meu filho e grande amor Ian. Eu serei eternamente grata a vocês! Foi de extrema importância o apoio de vocês e a torcida para que eu conseguisse concretizar essa etapa da minha vida da melhor maneira possível. Obrigada por aguentarem meus xiliques!!

Acho importante registrar o agradecimento aos amigos do curso de Ciências Sociais, turma de 2004 e agregados. Em especial aos amigos Binho, Luige, Marina, Franklin, Ewerthon, Alessandra, Jeff, Yérsia, Lumara, Aline, Rafa. E ao pessoal da turma de 2011 do mestrado de Antropologia, em especial a Dani e Nane e, mais ainda, a Liliane, minha companheira de longas datas e que me ajudou bastante. Outros amigos como Enedina, Camila, Mizi, Bel e minhas primas/amigas Aline, Liane e Livia e tias Vilma, Marlene, Dé, Telma e Ceia, que não os do ambiente da Universidade, também tiveram grande importância na minha trajetória acadêmica, ao ouvirem meus desabafos. Ao meu padrinho Aquino por ter colaborado em momentos de grande importância acadêmica.

Agradeço ao meu querido orientador de longa data Frank Marcon e sua paciência em me conduzir para melhorias acadêmicas e por me encorajar a fazer o mestrado em Antropologia. Obrigada por me aceitar novamente como sua orientanda e demonstrar os caminhos necessários para a construção de um bom trabalho de pesquisa!

Muito obrigada a todos que torceram pela concretização desse trabalho, proferindo palavras de conforto e força, e também perguntando por inúmeras vezes: já acabou?! Muito obrigada aos que tiveram a paciência de escutar, por diversas vezes, minhas reclamações e angústias.

Por fim, quero agradecer aos meninos glorienses do Rock Sertão pela grande ajuda e atenção concedida, pelas entrevistas e pelas informações. Como se diz no rock, “vocês são du caralho”!

RESUMO

Através das perspectivas dos Estudos Culturais e dos estudos sobre estilos musicais, identidades, juventudes e consumo cultural, o presente trabalho tem como objeto de estudo um festival de música intitulado *Festival de Música Independente Rock Sertão*, realizado no município de Nossa Senhora da Glória, a 126 km da capital Aracaju. Organizado por um grupo local de jovens produtores culturais, teve no ano de 2012 a sua 10ª edição. O objetivo do trabalho é analisar a produção e o consumo de um festival de rock realizado no sertão sergipano. Desse modo, tratarei de demonstrar de que maneira é programado esse festival e como o *rock* é usado pelos produtores e consumidores como demarcador de um estilo de vida. Procuro suscitar questões acerca de seu décimo ano num contexto contraditório de difusão de um ideal típico de gosto musical associado aos estilos forró e axé.

PALAVRAS - CHAVE: Juventude, rock, produção cultural, consumo, estilo de vida.

ABSTRACT

Through the perspectives of cultural studies and studies of musical styles, identities, youth and cultural consumption, the present work aims to study a music festival called "Festival de Música Independente Rock Sertão", held in "Nossa Senhora da Glória" town, situated hinterland of Sergipe, 79 miles away from the capital. Organized by a young local group of cultural producers, had in 2012 its tenth edition. The objective is to analyze the production and consumption of a rock festival held in the hinterlands of Sergipe and organized by the local youth. I will demonstrate how this festival is programmed and how the rock is used by producers and consumers as a style marker. Seeking raise questions about the cultural production of a rock festival that takes place in region that spreads "forró" and "axé" as ideal music style. These styles are very different from rock and festival's main theme.

KEY - WORDS: Youth, rock, cultural production and consumption, lifestyle.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Registro fotográfico da 1ª edição do festival Rock Sertão em Nossa Senhora da Glória.

Imagem 02: Público da 1ª edição do festival Rock Sertão em Nossa Senhora da Glória

Imagem 03: Cartaz de divulgação da 2ª edição do Rock Sertão

Imagem 04: Banda Fator RH no palco “Véio Artesão”

Imagem 05: Grupo de Teatro Boca da Mata

Imagem 06: Cartaz de divulgação da 6ª edição

Imagem 07: Foto da logo da marca do Governo do Estado

Imagem 08: Estrutura do palco na 9ª edição do Rock Sertão

Imagem 09: Estrutura do palco na 10ª edição do Rock Sertão

Imagem 10: Apresentação da Cia. Cobras e Lagartos

Imagem 11: Interação das bandas com o público

Imagem 12: Interação das bandas com o público

Imagem 13: Planta baixa da Praça Antônio Alves de Oliveira nos dias de show

Imagem14: A praça e os dias de show

Imagem15: A praça e os dias de show

Imagem 16: A praça e os dias de show

Imagem17: A praça e os dias de show

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – ROCK, FESTIVAIS E ESTILO DE VIDA	19
1.1 A música rock e o estilo de vida juvenil	20
1.2 Rock e o fenômeno dos festivais	24
1.3 Juventude, rock e festivais em Sergipe	30
CAPÍTULO II – O FESTIVAL NO SERTÃO E O PROTAGONISMO JUVENIL	35
2.1 O surgimento do Rock Sertão.....	36
2.2 Um festival no sertão	41
2.3 Juventude, festival e protagonismo juvenil	45
CAPÍTULO III – ROCK SERTÃO: CONSUMO E PRODUÇÃO SOCIOCULTURAL EM SERGIPE	51
3.1 A produção/produtores	52
3.2 O consumo/consumidores	66
3.3 Espaço/tempo do estilo	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXO 01	88
ANEXO 02	90
ANEXO 03	92
ANEXO 04:	95

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa diz respeito à juventude e suas relações com a produção cultural em Sergipe. O tema central proposto aqui é investigar o festival de música independente intitulado Rock Sertão, realizado no município de Nossa Senhora da Glória, situado no sertão Sergipano, à 126km da capital do Estado, assim como analisar o envolvimento do seus produtores e consumidores.

As discussões presentes nesta pesquisa são marcadas pela minha experiência no Grupo de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas (GERTS)¹ do qual faço parte desde 2007, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon. Em outra oportunidade, realizei meu trabalho de conclusão de curso² no qual trabalhei com as discussões sobre estilo de vida e consumo no universo dos Restaurantes de comida naturalista em Aracaju.

A partir das discussões teóricas e metodológicas ocorridas no âmbito do GERTS, através da linha de pesquisa “Juventudes, estilos de vida, produção e consumo”, fui amadurecendo uma nova proposta de pesquisa. Nela, a ideia de consumo está atrelada a produção de um festival de música, pensado como sendo o produto final de consumidores de um tipo de música específica, o rock. Segundo Martín Barbero (1987), ouvir música é um ato simbólico de identificação com as representações, estilos de vida, visões de mundo e valores sociais. A música é um dos principais produtos da cultura midiática. Além disso, é um elemento essencial na sociedade de consumo, e desenvolve um papel central na formação das identidades. Ao consumirmos música, estamos fazendo parte de um determinado grupo social que compartilha gostos e códigos.

As ideias para a efetivação desta pesquisa partiram de um referencial teórico de discussão acerca da noção de estilo de vida. De que modo eles são constituídos? Como e por que esses jovens apelam para um estilo musical como marcador de diferenças? Se

¹ Grupo de estudos fundado em 2007, que segue uma proposta interdisciplinar e está ligado ao Centro de Educação e Ciências Humanas, da UFS, bem como ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiros, e as linhas de pesquisa do Departamento de Ciências Sociais, do Núcleo de Pós-Graduação em Sociologia e do Núcleo de Pós-Graduação em Antropologia da UFS.

² Monografia intitulada **Espaços Naturalistas de Aracaju: circuitos e consumo**, apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2008, para a obtenção do grau de bacharelado em Ciências Sociais, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Nilton Marcon.

a ligação entre consumidores e jovens produtores em torno da organização de um evento específico implica um processo de identificação? Como isso acontece? Quais as consequências desta manifestação num contexto em que os estilos hegemônicos são outros (também entre jovens), como o forró e o axé³?

Para pensar analiticamente o objeto fiz outros questionamentos com o objetivo de entender de que modo a produção e o consumo do festival acionam um significado simbólico para a juventude local e o cenário cultural em Sergipe. Quem são esses jovens? Como e de que modo suas sociabilidades influenciaram em suas trajetórias de vida? Como eles idealizaram esse festival e o mantiveram por tantas edições? Como eles justificam suas motivações para realizar o evento? Quais são suas narrativas acerca da relevância desse tipo de evento? Por que permanecem produzindo o Rock Sertão nessas dez edições? Quais são suas estratégias para a efetivação do festival? Como eles enxergam o Rock Sertão diante do cenário da produção musical em Sergipe?

Essas foram algumas das questões que me incitaram realizar essa pesquisa. Parto da compreensão de que esse tipo específico de música é uma expressão dos modos de vida dessa juventude que a utiliza como demarcação de um determinado gosto e que tem no festival o momento de compartilhar essa identificação com público que o consome.

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar o surgimento e a continuidade do festival Rock Sertão, associado à juventude, a produção e o consumo de um estilo de música específico, num contexto cultural demarcado hegemonicamente por outras referências musicais, simbólicas e de modos de ser. Deste modo, os objetivos específicos foram: (I) descrever como se dá o processo de produção e execução do festival; (II) apontar os argumentos dos produtores para realização do festival; (III) analisar de que modo eles narram suas percepções acerca da importância do Rock Sertão diante do cenário cultural do estado; e (IV) compreender de que modo o rock marca um estilo de vida juvenil e alternativo em Sergipe.

Penso que os estilos de vida têm relação com a produção e o consumo de bens de valor simbólico (FEATHERSTONE, 1995), que no caso estudado está ligado a um festival de música, tendo como uma de suas propostas, a busca por uma alternativa

³ Forró e Axé são estilos musicais muito difundidos na região nordeste, consumidos tanto em grandes eventos quanto em pequenos encontros. Ambos os estilos têm a característica de serem dançantes.

diante das possibilidades restritas na cena musical de forte atuação no contexto da cidade de Nossa Senhora da Glória.

Ao participar de um festival de música rock, o consumidor está procurando algo que representa para ele a formação e afirmação com o que ele possa se identificar. As escolhas não são feitas aleatoriamente, mas sim através de um processo de identificação com o que se consome ou os valores simbólicos que determinado produto cultural pode representar. Para Freire Filho (2003), as escolhas por certas mercadorias e certos padrões de consumos são influenciadas pelos estilos de vida.

Apesar de não ser um estilo musical de grande expressividade em Sergipe, o festival Rock Sertão representa uma cena importante na medida em que tem perdurado e ganhado visibilidade, inclusive midiática, através da sua presença marcante em jornais impressos, em propagandas na maior emissora de TV do estado e nas rádios regionais, no decorrer de suas dez edições. A mídia possui um papel importante na disseminação de uma cultura que serve de referência para a construção de identidades (RONSINI, 2004 apud in CHAVES DIAS, 2009). Para Martín-Barbero (2004), a produção e circulação das formas e conteúdos simbólicos são inseparáveis das atividades da indústria da mídia. Desse modo, a mídia exerce um papel destacado, influenciando na reorganização das identidades coletivas e as formas de diferenciação simbólica.

De acordo com os organizadores do Rock Sertão, a ideia de criar o festival era a de que as bandas alternativas de vários estilos musicais pudessem mostrar suas produções, sem cobrar cachê, num evento que ocorreria em praça pública, para que assim se pudesse formar um público maior para esse estilo musical e atender as expectativas do público local. O que é chamado de bandas alternativas, pelos organizadores, faz menção àquelas bandas que não possuem contrato com gravadoras e fazem suas músicas circularem através de um pequeno grupo de “amigos de amigos”, e desse modo alcançam uma rede de circulação ampla, algumas vezes de alcance nacional, mas permanecem fora das grandes mídias.

Esse formato de festival não é facilmente percebido em outros municípios do estado de Sergipe, pois bandas independentes com estilos associados ao *rock and roll* e oriundas de diversos lugares do país, puderam ter a chance de se inscreverem⁴ e

⁴ A inscrição, ao menos nas duas últimas edições, foi feita eletronicamente através de um cadastro *online* na então página do Rock Sertão (<https://www.facebook.com/QueroTocarnoRockSertao>). A banda posta

participarem de um evento com cada vez mais visibilidade no cenário alternativo nacional.

Meu primeiro contato com o contexto do festival aconteceu em meados de 2010, quando conversei informalmente com um dos produtores do evento. Naquela ocasião, ele falava sobre o esforço necessário para fazê-lo acontecer e sobre as pessoas que os apoiavam. Chamou minha atenção o seu relato sobre a experiência em produzir o festival, o qual demandou meses de dedicação, na busca de meios para financiá-lo e divulgá-lo. Ao saber que não era cobrado ingresso e que o evento acontecia na praça da cidade, fiquei ainda mais curiosa para entender qual a motivação daqueles rapazes que, diante de tantas dificuldades e empecilhos para realizar o festival, o mantinham por tantas edições. Além disso, questionava-me sobre qual seria o público que frequentava o evento.

Comecei a pesquisar sobre como o festival foi formado e descobri que havia disponível na internet um blog do Rock Sertão⁵ que contava um pouco da trajetória do evento, de como e com que propósito havia surgido. Esse tipo de aparição midiática anunciada pelos produtores do festival nos mostra uma intencionalidade em tornar público uma retórica da produção da música independente no estado, de modo que eles se assumem enquanto realizadores desse processo. Identifiquei que os produtores e consumidores do evento são jovens, considerando aqui juventude enquanto uma categoria social atribuída pelos outros ou por eles mesmos, bem como um conceito definidor de grupo etário.

A temática da juventude foi trabalhada na antropologia clássica por Margaret Mead em seu livro *Adolescência, sexo e cultura em Samoa* (1928) em que a autora aponta que as normas e tradições culturais direcionam as concepções de naturalização da juventude. Esse tema foi trabalhado nas sociedades tidas primitivas para refutar a ideia de que a juventude seria uma etapa da vida, enquanto condição universal, em que os jovens se desenvolviam de maneira igual nas diferentes sociedades. A partir de então, na perspectiva antropológica, o tema da juventude passou a aparecer como uma

algumas de suas músicas, que são ouvidas por uma equipe de curadores que envolvem músicos de Sergipe, jornalistas, radialistas, que realizam uma votação. As mais votadas irão compor a programação do evento. As condições impostas pelos organizadores do evento diante da votação é a de que as bandas escolhidas contemplem a maior diversidade de municípios sergipanos e também diversos estilos dentro do rock.

⁵ www.rocksertao.com.br/blog/

construção cultural, no qual em cada sociedade essa transição da infância para a vida adulta poderia ser realizada de modos distintos.

Além disso, entendo o termo juventude como uma categoria socialmente construída (PAIS, 2003). A partir de um olhar interdisciplinar e a partir dos Estudos Culturais, pensar a juventude significa dar voz a esses sujeitos e entender os sentidos que as pessoas dão a si mesmas e aos outros quando tal noção está em questão.

A discussão sobre a juventude que trago aqui é aquela que enfatiza a condição do jovem como protagonista e agente de suas ações, construindo modos de vida que estão imbuídos de simbologias e de práticas demarcadoras de estilos com significados próprios. A noção de estilo de vida está vinculada nos estudos de Featherstone (1995), em que o autor prescreve que este conceito seria um modo de orientação no âmbito da vida cotidiana que está ligado ao consumo de bens materiais e imateriais de valor simbólico, evidenciando diferenciações entre as pessoas. Nesse sentido, proponho trabalhar a relação entre juventude e estilo de vida diante do contexto em que as práticas relacionadas à organização de um festival de música rock estão marcadas pela atuação de um grupo que busca difundir um modo de produção e consumo específico, atingindo um grupo com características semelhantes. A busca pela possibilidade de uma produção cultural independente num cenário que eles enxergam como desfavorável ao consumo do rock, permite identificar uma expressão de distinção social (FREIRE FILHO, 2003; FEATHERSTONE, 1995). Sendo assim, procuro analisar de que modo esses jovens buscam demarcar tal distinção e contestar a cultura musical hegemônica em Sergipe.

Diante disso, fiz um levantamento bibliográfico acerca das temáticas que envolviam estudos sobre juventude, estilo de vida, música e festivais de rock; acompanhei junto aos organizadores as etapas de produção do festival; registrei os aparecimentos da marca do festival na mídia e nas redes sociais; entrevistei os frequentadores do festival e as bandas que lá se apresentaram; e realizei a observação participante dos dias do festival nas duas últimas edições do evento.

As entrevistas foram feitas com perguntas abertas, em que investiguei um pouco da história de vida dos produtores do festival; suas influências e de que maneira eles pensam o evento; bem como sobre o seu envolvimento e sua percepção enquanto agenciadores, no contexto da produção cultural.

Através da observação direta, acompanhei todas as etapas que dizem respeito à rotina de produção do festival⁶. Aparições nas redes sociais, internet e na mídia local. Conversas informais com os produtores do evento, a fim de saber sobre captação de recursos, e como são encaminhadas as divisões de tarefas. Apesar de ser um campo majoritariamente masculino, minha presença, nos momentos do festival e através desses encontros informais com os produtores, não dificultou o rumo da pesquisa. Acredito que o fato de compartilharmos da condição de estudantes universitários e possuímos um gosto musical parecido facilitou minha inserção no campo estudado.

Durante a pesquisa, fiz exercícios de descrição analítica, a partir dos meus registros de observação direta do festival (nos anos de 2011 e 2012), analisando os atores presentes, como eles agiam, se movimentavam, se vestiam e narravam suas percepções sobre o evento. Além disso, fiz a análise de como estabeleciam suas relações de sociabilidade, utilizavam os espaços, faziam apropriações simbólicas e revelavam a maneira de consumo e os usos do festival promovem um estilo de vida.

O trabalho de campo se deu em dois momentos: em um dado momento observei os acontecimentos que antecedem o momento do festival, como aparições nas mídias locais, conversas informais com os produtores do Rock Sertão, feitas através de redes sociais, encontros despreziosos com os organizadores em outros eventos de rock que aconteceram na cidade de Aracaju; num segundo momento, a observação foi feita nos dias em que acontecera o festival, em que passei a ser parte do campo estudado, pois circulei entre o público presente, observando a atuação das bandas que ali se apresentam, percebendo a reação das pessoas, também tendo uma própria reação diante do espetáculo.

A dissertação está estruturada em três capítulos, no primeiro deles intitulado *Rock, Festivais e Estilos de vida* realizo uma discussão teórica sobre alguns pontos de vista que permeiam esta pesquisa. Tomo como importante situar o leitor sobre as trajetórias do gênero musical rock e os festivais, que desde o seu surgimento vem sendo associado a uma música produzida e consumida por jovens. Além disso, traço um panorama sobre a conjuntura da música rock em Sergipe para tentar perceber como o

⁶ Essa etapa da pesquisa vem sendo realizada desde março do ano de 2011, seguindo pelo ano de 2012 e ainda abarcará os dois primeiros meses do ano de 2013.

festival Rock Sertão se insere nesse contexto e como está disposta a cena de música independente no Estado.

No segundo capítulo, *O Festival no Sertão e o Protagonismo Juvenil*, apresento o surgimento do festival e seus desdobramentos, assim como, elenco as peculiaridades da ocorrência de um festival de rock em meio ao sertão de Sergipe. Além disso, apresento o perfil social desses produtores, traçando um panorama acerca dos significados presentes nas suas narrativas sobre a organização do evento e qual a representação dele para a juventude regional.

O terceiro e último capítulo, *Rock Sertão: consumo e produção sociocultural em Sergipe* busco demonstrar elementos que são importantes para entender como se dá a produção do festival, através das estratégias dos produtores em captar verbas para realização deste, das mudanças ocorridas ao longo das edições do evento, do envolvimento e ampliação de outros tipos de artes como o teatro, literatura e audiovisual. A análise dos consumidores do festival e das bandas que lá se apresentam também se faz presente nesse capítulo, como também, a importância simbólica do espaço em que é realizado o festival e suas modificações no contexto em que está inserido.

CAPÍTULO I – ROCK, FESTIVAIS E ESTILO DE VIDA

Neste capítulo, busco refletir sobre o rock, tratando da sua relação com um tipo de público, neste caso a juventude, bem como sobre a formação de um estilo de vida específico que abrange modos de se vestir, de falar, de agir e de pensar. Nesse sentido, tomo como importante situar algumas fases marcantes da trajetória desse gênero musical ao longo das décadas, que desde o seu surgimento vem sendo associado a uma música produzida e consumida por jovens.

A partir dos anos 50, o rock, através dos meios de comunicação de massa, como o rádio, cinema e TV, alcançou grande expressão e se tornou formador de opinião, de códigos e de valores. Desde sua origem, o rock situou-se como contestador da sociedade. Através de um ritmo marcante e de letras tratando de elementos do cotidiano dos jovens, como desilusões amorosas, festas, conflitos com a família e celebração a vida, atingiu de modo significativo tal público.

No mesmo contexto, os festivais de rock legitimaram a expectativa de divulgação e estreitamento de fronteiras entre os músicos produtores e seus fãs consumidores, em eventos que se tornaram atos de celebração coletiva do estilo. Nos festivais, os jovens tinham contato com as músicas e mais especificamente com as de gosto musical e estilos de vida semelhantes. Deste modo, adentravam um universo de espetáculos composto por performances de palco que transmitiam aquilo que compartilhavam como ideia difundida pelo rock, qual seja, de liberdade nos movimentos corporais e do desprendimento de posturas previamente ensaiadas, como constatação do que se manifestam nas canções.

O rock e os festivais de música associados a este estilo são tratados aqui como ápice da expressão de um estilo de vida, protagonizado por jovens que cantam, tocam e compõem para jovens, de acordo com as peculiaridades em que estão inseridos. O rock é entendido aqui como um fenômeno global, porém tratado pelo viés das particularidades vivenciadas localmente, por jovens provenientes de diversos lugares sociais e culturais. Esse processo de apropriação também é questionado nesse capítulo, quando trato do contexto do rock dentro do estado de Sergipe.

1.1 A música rock e o estilo de vida juvenil

A partir da ampliação da indústria cultural no século XX, criou-se um mercado consumidor de rock, que tinha na juventude seu principal público. O rock é tido como gênero musical que estabeleceu um limite de confronto com os padrões sonoros convencionais, mediante preenchimento de todas as extensões possíveis entre forma e conteúdo, pela proposta de ruptura do tradicional, do usual e daquilo que pode vir a ser estabelecido (CORRÊA, 1989, p. 39). Desse modo, por vezes ele é atribuído a uma ideia de rebeldia, que é atrelada à juventude, vista como transgressora das tradições e dos padrões homogêneos e que através do rock poderiam expor seus modos de pensar.

Através da música, os jovens podem demonstrar uma realidade vivenciada, em que expressam uma condição, situação ou contestação de modos de vida. Em estudo sobre a cena do rock dos anos 80, Rochedo (2011) analisa que as letras das músicas produzidas pelas bandas compostas de jovens, demonstram muito do que eles passavam num contexto político e social da época. Através delas, eram mostradas suas opiniões, anseios e como eles imaginavam serem vistos socialmente. A autora conclui que os jovens “estabeleceram um relacionamento recíproco entre os leitores/ouvintes, pois representavam a voz do próprio jovem, compartilhando suas experiências através de suas composições” (p. 138).

Através de trabalhos realizados no âmbito dos Estudos Culturais⁷, o termo “culturas juvenis” aponta para uma série de expressões e experiências juvenis, ligadas a uma manifestação de modos de vida e de consumo de produtos da cultura de massa, demonstrando também que o estudo da música está associado ao estudo das culturas juvenis em que “a música é muito importante na vida dos jovens. A música mais popular, criada nas últimas décadas, parece criada essencialmente por jovens para jovens. Mas estas ideias assentam em noções particulares de música, contextualizadas no final da década de 60 e 70, um período em que a música se tornou ligada à juventude, comercial e discursivamente” (HESMONDHALGH, 2005 apud TAVARES, 2010).

⁷ Os Estudos Culturais são entendidos aqui como a produção elaborada pelo Center for Contemporary Cultural Studies (CCCS), de Birmingham. Nos anos setenta boa parte dos pesquisadores estiveram envolvidos com a discussão sobre culturas juvenis, através da utilização do conceito de subcultura como ideia de cultura contra-hegemônica.

Para Simões, Nunes e Campos (2005), a música popular urbana, enquanto prática e produto cultural é, aliás, desde há algumas décadas, um fenômeno de importância incontornável quando falamos de juventude, pelo papel econômico e simbólico que detém nos circuitos da globalização cultural e na fabricação de modelos culturais juvenis. Embora a importância da música na juventude não se esgote num só gênero musical, grande destaque se tem atribuído ao *rock*.

O rock pode ser definido como uma manifestação simbólica dessa juventude consumidora e produtora de música, que se apropria de elementos materiais e imateriais para demonstrar uma identificação que pode ser individual ou de grupo. O estilo musical propicia a formação de diversas “tribos”, metáfora utilizada por Maffesoli (1998) para elucidar a ideia de grupamentos que são formados na sociedade contemporânea, os quais partilham sentimentos, valores e afinidades culturais específicas. O autor também esclarece que as possibilidades e os traços destas composições coletivas são muito mais fluidas e temporárias, permitindo um contexto de múltiplas identificações (*metaleiros, punks, hardcores*) que operam neste cenário da sociedade atual.

O processo de produção e consumo de um ou vários estilos de música está presente como elemento central em diversas destas “tribos juvenis”. Dessa maneira, o binômio música/estilo é facilmente associado. De acordo com Feixa (1999), “La música es utilizada por lós jóvenes como um médio de autodefinition, um emblema para marcar la identidad de grupo”. O *rock* pode ser, então, um recurso utilizado para compor um estilo de vida, que pode ser acionado pelo indivíduo em qualquer instante, sendo que este é um momento caracterizador de escolhas de consumo e lazer.

Um forte demarcador dessas culturas juvenis é a questão estética, do visual adotado, pois está diretamente atrelada à formação de um dado estilo de ser através da música, o qual procura se diferenciar e atribuir significados as vestimentas, como o uso da cor preta por algumas dessas tribos, um tipo de forma de usar o cabelo ou de expressão corporal, gerando assim uma dinâmica simbólica peculiar a cada segmento de estilo que os indivíduos consigam se fazer pertencer ou reconhecer.

Ouvir música é um ato de identificação com algumas formas de estilo e de visão de mundo. O estilo musical rock está estreitamente ligado com as manifestações da juventude, que através de códigos específicos e com o fato de compor e ouvir esse tipo

de música, a coloca em contato com um campo de informação e manifestação. São jovens a maioria dos componentes de grupos de rock e são também a maioria dos consumidores desse tipo de música, estreitando-se essa relação.

A música é apropriada de maneira distinta em diferentes grupos, a partir de suas percepções e modos de interpretações. Dito isto, significa que ela pode ser utilizada de acordo com os valores culturais presentes em cada contexto social, ocasionando um sentimento de pertença, compartilhamento e construção de laços de afetividade e identificação. É também utilizada como uma forma de expressão cultural e identificação a qual os jovens buscam balizar seus comportamentos e posicionamentos diante da sociedade.

Podemos identificar a música como um importante produto cultural, e que se encontra presente em diversas etapas do cotidiano, sendo utilizada, por exemplo, como um estilo expressivo. Essa expressividade pode ser observada através do processo criativo e de desempenho das bandas de rock, que desde o seu surgimento nos anos 50, procuram manter sua capacidade de expressão como cultura juvenil.

Em seu estudo, Luiz Antonio Groppo (1996), evidencia que o rock em grande parte é uma criação musical da juventude, que vê nele um importante símbolo formador de estilos. Percebe-se então, uma clara relação entre o gênero musical *rock* e as culturas juvenis. Com o surgimento do rock, foi anunciado um estilo peculiar de padrão de comportamento e novos valores, como a liberdade, a autonomia e o prazer imediato, que passaram a ser vistos como símbolos de culturas juvenis, como diz Feixa (1999):

La emergencia de las culturas juveniles está estrechamente asociada al nacimiento del rock&roll, la primera gran música generacional. A diferencia de otras culturas musical es anteriores (incluso el jazz), lo que distingue al rock es su estrecha integración en el imaginario de la cultura juvenil: los ídolos musicales «son muchachos como tú», de tu misma edad y medio social, con parecidos intereses. (FEIXA, 1999, p. 101)

Sendo assim, ocorre uma identificação de um estilo musical para a vida dos jovens, que passam a se identificar com o tipo do som, as letras das músicas, o modo de se vestir e de agir, fazendo com que, muitas vezes, uma geração possa reconhecer-se numa determinada produção musical.

Ao longo dos anos, a música se tornou um dos principais códigos de diferenciação no processo de distinção cultural e etário na relação entre jovens e adultos. Desde as pesquisas realizadas no âmbito do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), sobre os diferentes estilos de vida de grupos juvenis associados à música, surgidos no pós-guerra, como os *teds*, *rockers*, *mods*, *rastafáris* e *punks*, a intenção dos pesquisadores era analisar tais manifestações como um comportamento social coerente e autônomo e não como sintoma de delinquência. Nesse sentido, os estudos realizados pelo CCCS tornaram-se um expoente no que diz respeito aos estudos sobre juventudes, representados principalmente pela publicação do livro *Resistance Through Rituals*, organizado por Stuart Hall e Tony Jefferson (2003). Eles e outros autores atribuem o aumento do mercado e do consumo no pós-guerra associados à emergência dos meios de comunicação de massa como propícios para o crescimento da indústria do lazer voltada para a juventude.

Autores como Dick Hebdige (1979) apontavam as subculturas juvenis como formas de resistência simbólicas produzidas pelos jovens das classes trabalhadoras em reação a um quadro socioeconômico e cultural mais amplo, como uma cultura que estaria em desacordo com a cultura dominante. Para os pesquisadores do CCCS, essas especificidades dos grupos no interior da sua classe de origem, denominadas de subculturas, remetiam a uma determinada cultura de classe, um modo de lidar com problemáticas peculiares a essa classe, a posição etária e o contexto geracional.

Essa noção de “subcultura” foi esgotada conceitualmente com o passar dos anos, mas foi uma noção que permitiu perceber a tensão cultural no qual viviam as juventudes pertencentes às classes trabalhadoras. As críticas apontadas às teorias dos britânicos do CCCS eram pautadas pela acusação de insuficiência de capacidade analítica, em que eram acusados de escolherem pronunciamentos teóricos generalizantes e de não discutir “o que as subculturas de fato fazem e qual o significado destas atividades para os próprios jovens” (Fernandes & Freire Filho, 2005), além de terem uma visão supostamente romântica do poder da resistência e da oposição política das chamadas subculturas juvenis (Freire Filho, 2007).

Alguns pesquisadores (BAUDRILLARD, 1995; MAFFESOLI, 1988; MAGNANI, 2005) chamados de *pós-subculturalistas* retomaram alguns dos temas e métodos iniciados no CCCS, com o intuito de perceber a relação entre jovens, música, identidade

num novo contexto global, além de buscarem uma investigação metodológica mais qualitativa e focada no cotidiano dos sujeitos. Foi a partir dessa revisão que propuseram novas terminologias como *tribo*, *cena*, *estilos de vida*, em substituição ao termo *subcultura*.

Essas novas nomenclaturas que apareceram a partir das críticas feitas aos estudos do CCCS, surgiram em prol de suprir analiticamente o termo em desuso e também considerar o que era relevante no conceito de subcultura: o caráter disperso e transitório dos agrupamentos atuais, além da ênfase na busca pelo pertencimento e reconhecimento diante dos semelhantes que compartilham as mesmas afinidades (Freire Filho, 2007).

1.2 Rock e o fenômeno dos festivais

A discussão sobre os festivais de rock no Brasil e no mundo está pautada por questões relacionadas a esfera da indústria fonográfica e a consolidação da *mass media*. No Brasil, a relação do rock com a mídia, até os anos 70, não era boa, visto que ela não possuía interesse no apoio e divulgação desse estilo musical, que era atrelado a uma juventude rebelde e contestadora. As gravadoras também não viam na música rock a possibilidade da existência de um mercado consumidor e conseqüentemente de lucros. Especificamente no Brasil, essa situação era ainda mais delicada, pois o rock passou a ser importado num momento posterior à explosão internacional, além disso, seu formato inicial era de um rock que seguia muito os moldes estadunidenses.

A partir dos anos 80, houve um amadurecimento do rock brasileiro, denominado pela imprensa de *BRock* (DAPIEVE apud ROCHEDO, 2011). Segundo o autor, o nome remete ao período do despontamento do novo rock no Brasil. Ainda para ele, o rock cresceu e amadureceu como mobilizador de uma parcela da juventude brasileira e firmou-se no decorrer da década, com diferentes estilos.

Alguns festivais transmitidos nos anos 80 pela TV Globo, como o Festival da Música Popular Brasileira, acabaram revelando alguns nomes novos que estavam ligados à música rock, isso mostra a aceitação do consumo cultural de um estilo diferente. De acordo com Rochedo (2011):

O *BRock*, realizado e consumido por jovens, estabelece uma relação de percepção de mundo no processo de transição política pelo qual o país atravessava. Grupos que desfrutavam do bom humor em tempos tão rígidos esboçavam o rock que estava surgindo. Estes jovens começam a ingressar na vida pública por seus próprios meios de expressão, sendo um deles o fazer e ouvir rock (ROCHEDO, 2011, p. 31).

Com os avanços tecnológicos e de importação, os festivais entram nesse cenário como marcadores de visibilidade e divulgação de novos artistas e é nas TV's que ele será transmitido ao público geral. A extinta TV Excelsior, de São Paulo, realizou no ano de 1965 o *I Festival Nacional de Música Popular Brasileira*, uma competição musical, da qual saiu vencedora a música “Arrastão” interpretada pela cantora Elis Regina (MARCON, 2011). Anos depois, a TV Globo e Record do Rio de Janeiro passaram a realizar, através de programas de música, seus próprios festivais (como exemplo o II Festival de MPB realizado pela TV Record em 1966). Os festivais da Canção, realizados nos anos 80 pela TV Globo começaram a mudar o perfil e dar visibilidade aos artistas de rock que nele se apresentavam como no caso do grupo Gang 90 & As Absurdetes⁸.

A principal mudança ocorrida nos festivais televisionados foi que o rock passou a ter espaço, coincidindo com o amadurecimento de bandas brasileiras e com as mudanças ocorridas no mercado fonográfico do País, que passou a expandir e absorver o gênero no mercado. Os festivais promoveram uma ruptura com o mercado fonográfico tradicional que até então estava sendo conduzido de maneira hegemônica por grandes gravadoras. Os festivais criaram oportunidades para um mercado fonográfico independente, realizados por empresários alternativos, artistas e intérpretes da nova música, que perceberam que poderiam divulgar outros estilos por meio de tais iniciativas.

Nos EUA o festival Woodstock, que ocorreu em agosto de 1969, teve um formato peculiar de evento em que o cenário onde acontecia o festival era uma fazenda afastada do centro urbano da cidade. Além disso, as manifestações pacifistas do

⁸ Banda de rock ligada a linha new wave, que despontou em 1981 no festival MPB-SHELL exibido pela TV Globo, e ficaram conhecidos pelo sucesso “Perdidos na Selva”.

movimento hippie e a bandeira da liberdade sexual dentro do festival foram características marcantes dos ideais da juventude da época.

No Brasil, o marco dentro dos festivais de rock foi o lançamento do “Rock in Rio”, em janeiro de 1985. O evento, idealizado pelo empresário Roberto Medina, tinha como objetivo reunir diversas atrações do mundo do rock nacional e internacional, com um formato diferenciado de infraestrutura. A estrutura do festival em sua primeira edição de 1985 contou com um espaço de 240 mil metros quadrados montado para dez dias de shows e com capacidade para mais de 400 mil pessoas. Num terreno localizado em Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro, foram necessários 55 mil caminhões de terra para aplaná-lo e deixá-lo apto para as construções. O local possuía três palcos giratórios de 5.500 metros quadrados cada, com restaurante, bar, sala de estar para os artistas e sala para a imprensa (ROCHEDO, 2011).

O Rock in Rio foi um grande evento, com diversos patrocinadores que investiram alto para sua realização, percebendo o auge do mercado cultural atrelado à música rock e associado a uma faixa etária jovem que consumia esse estilo. Além disso, foi um grande projeto de comunicação, no sentido que garantia uma visibilidade para as bandas que nele se apresentavam e que depois tiveram um aumento na vendagem de seus discos e shows. Por ter tido uma grande penetração midiática, o festival acabou por influenciar a propagação de outros festivais em diversas cidades brasileiras que tinham uma produção cultural no cenário do rock, mesmo que tímidas. Alguns desses festivais se tornaram grandes eventos de concentração de pessoas envolvidas com tal estilo musical, outros ocorreram em menor escala e tiveram existência passageira. Ou seja, a ideia de festival de rock passou a estar associada à produção e ao consumo de um estilo de vida em diferentes lugares do País.

Quadro I: Festivais de rock em diferentes regiões do Brasil⁹

Festival	Surgimento	Local	Bandas	Pago	Produção
Rock in Rio	1985	Rio de Janeiro	Bandas de rock nacionais e internacionais reconhecidas mundialmente	Sim	Empresário Local
Goiânia Noise	1994	Goiânia	Bandas nacionais de rock independentes	Sim	Produtores Locais
Abril Pro Rock	1996	Recife	Bandas de rock nacionais e internacionais	Sim	Produtores Locais
Porão do Rock	1998	Brasília	Bandas de rock independentes nacionais e bandas renomadas	Não	Produtores Locais
MADA	1998	Natal	Bandas de atração de porta nacional	Sim	Produtores Locais

⁹ Quadro elaborado a partir de informações coletadas na internet durante o ano de 2012, com o objetivo de demonstrar a existência de diferentes festivais ativos pelo País, com diferentes formatos com relação à infraestrutura, recursos, número de bandas e público.

Festival Demo Sul	2001	Londrina	Bandas de rock independentes locais	Sim	Produtores Locais
Tendence Rock Festival	2004	Palmas	Bandas de rock independentes locais	Sim	Produtores Locais
Festival Quebramar	2008	Amapá	Bandas de rock independentes locais e nacionais	Não	Produtores Locais
Lollapalooza	2012	São Paulo	Bandas de rock nacionais e internacionais reconhecidas mundialmente	Sim	Empresário Americano
Festival CUCA Independente	2013	Fortaliza	Bandas de rock do cenário independente local	Não	Produtores Locais

Com o quadro em questão pretendo demonstrar que os festivais que ocorrem atualmente no Brasil, começaram a surgir e se firmar a partir dos anos 90, alguns anos após o sucesso de público e visibilidade midiática que teve o Rock in Rio. Mesmo sendo realizado com grandes patrocínios e investimentos por parte do empresário que o promoveu, tornando-se assim um festival de grande porte, o Rock in Rio passou a ser

um exemplo e motivação para o surgimento de outros festivais, mesmo menores. Esse tipo de evento confirmou um novo segmento consumidor de música, a partir do qual várias bandas de rock no Brasil se firmaram, alcançando sucesso em nível nacional ou regional, com aumento nas vendas dos discos e shows, além da visibilidade midiática.

Atualmente, os festivais de rock podem ser divididos em dois formatos: os que possuem verbas de patrocinadores, grandes estruturas, retorno financeiro e grandes empresas por trás de sua produção, como por exemplo: Rock in Rio, Abril pro Rock, dentre outros elencados no quadro acima; e aqueles que possuem um caráter “alternativo” com um porte menor em termos de estrutura; atraem principalmente um público local; não são necessariamente realizados em capitais ou grandes centros urbanos; não possuem retorno financeiro obrigatório; nem apoio de grandes patrocinadores. Este último modelo diz respeito ao festival Rock Sertão, que apesar de existir há dez anos, possui uma dinâmica própria em que não há uma verba de patrocinadores fixos e nem são gerados necessariamente lucros financeiros. Segundo os próprios organizadores, trata-se de um evento público, organizado por jovens locais, numa cidade do interior de Sergipe.

Assim como o Rock Sertão, existem outros festivais no Brasil, que além de acontecerem em municípios distantes das capitais, priorizam a apresentação de bandas que não são sucesso no cenário do rock nacional e/ou internacional. Para eles, a ocorrência deste tipo de festival visa fortalecer o cenário das chamadas bandas independentes, ou seja, aquelas que não dispõem de contrato com grandes gravadoras e atualmente divulgam seu trabalho pelas redes sociais na internet, através do que constituem uma rede de trocas de informações e contatos.

Outro elemento caracterizador do formato dos festivais é a cobrança ou não de ingressos para acessá-los. Uma característica dos festivais de grande infraestrutura e bandas renomadas é a cobrança de ingresso, enquanto os festivais onde se apresentam bandas independentes optam ou não pela cobrança de ingressos. Alguns têm como proposta fomentar o cenário de música independente através do entretenimento ligado a um público jovem que consome não só uma música como também um modo de ser. Os produtores desses festivais de música independente, em sua maioria formados por grupo

de jovens, se profissionalizam nessa produção, propondo o intercâmbio entre os festivais e as bandas que se neles se apresentam.

Este formato de festival independente vem se firmando nos últimos dez anos no País e atualmente existem redes organizadas de produtores com tal propósito. A ABRAFIN (Associação Brasileira de Festivais Independentes) foi criada em 2005 e a mais recente FBA (Festivais Brasileiros Associados) foi criada em 2012, ambas são formadas por produtores de diversas partes do País, que através de redes de contato, facilitadas pela internet, buscam fortalecer essa troca de informações sobre tudo que envolve a produção e a divulgação dos festivais existentes.

1.3 Juventude, rock e festivais em Sergipe

O consumo e a produção do rock em Sergipe se deram de forma periférica e pouco visibilizada. No entanto, Sergipe acompanhou o *boom* ocorrido nos anos 80, no cenário do rock nacional. Muitas bandas surgiram influenciadas por esse contexto¹⁰ como “bandas de garagem”, que não possuíam muitos recursos financeiros e equipamentos, mas que tinham anseio em se comunicar através desse tipo de música. Assumidamente, os grupos ficaram conhecidos como bandas *undergrounds*.

Esta denominação surgiu como oposição ao que se considera o *mainstream*. De acordo com o etnomusicólogo Ribeiro (2007), são três os eventos que formam o *mainstream* cultural em Sergipe: o Forró-Caju, o Pré-Caju e os Encontros Culturais. O primeiro deles ocorre no mês de junho, onde tradicionalmente os nordestinos comemoram feriados de diversos santos, chamada de época do São João. Apresentam-se nos shows grandes artistas regionais de renome nacional como Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Alceu Valença e que representam o forró, o baião, o xote, tido como tradicional, mas também se apresentam bandas dos chamados forrós eletrônicos, como: Mastruz com Leite, Cavaleiros do Forró e a Calcinha Preta. Todos esses atrativos e grandes investimentos em publicidade e estrutura por parte dos governos estaduais e municipais fazem com que este seja um evento bastante popular e atrativo para os turistas do Estado.

¹⁰ Nesse ano é formada a banda de punk chamada Karne Krua, a mais antiga em atividade na cidade.

O Pré-Caju, que teve sua primeira edição ocorrida na década de 90, foi realizado com inspiração nos carnavais baianos, em que trios elétricos conduzidos por bandas de Axé desfilam por importantes avenidas locais e comandam uma multidão, que estaria dividida entre participantes dos chamados blocos¹¹ e participantes da pipoca¹², tendo muito prestígio por parte da população local.

Já os Encontros Culturais ou Festivais de Folclore têm como enfoque os chamados grupos folclóricos, que são identificados como sendo detentores de uma tradição popular que deve ser mantida e valorizada. Ribeiro (2007) analisa criticamente, tais festivais afirmando que o que “se tenta promover é um show de exotismo, no qual é mais importante aqueles grupos tradicionais (no sentido pejorativo do termo), antigos, que ‘não mudam’ ”. Grupos novos que se permitem inovações de qualquer gênero são logo classificados parafolcóricos”. (p.52)

O que esses eventos possuem em comum é o fato de serem apoiados pelo poder público para sua execução e divulgação, fazendo com que seja considerado um produto de atração turística para o estado. Para cada evento realizado existe uma retórica diferenciada: o Pré-Caju seria um evento que antecede os festejos carnavalescos; já o Forró-Caju e os Encontros Culturais são eventos que contam com um discurso vinculado à tradição nordestina e sergipana, como colocado por Ribeiro (2007).

Na contramão dos eventos acima, considerados como *mainstream*, Ribeiro (2007) constata o surgimento de manifestações alternativas elaborados pelos e para os jovens de Aracaju. Assim teria surgido o que ele denomina de Cena Rock Underground de Aracaju (CRUA), que seria uma cena alternativa dentro do rock em Sergipe, na qual frequentemente os papéis se misturam, já que o público por vezes está no palco e que quem está no palco também é público.

De acordo com Ribeiro (2007, p.54), CRUA inicia-se na década de 80, com poucas pessoas envolvidas e de maneira incipiente, formada por pessoas que tinham bastante dificuldade em ter acesso a lançamentos de materiais de bandas conhecidas internacionalmente e que faziam bastante sucesso na época. As primeiras bandas desse período foram a “Karne Crua”, banda de *punk rock* ainda em atividade, e a “Guilhotina”

¹¹ Conjunto de pessoas que desfilam com a mesma fantasia, chamada de abada, e que pagam uma quantia por isso.

¹² Forma popular de chamar as pessoas que não estão inseridas nos blocos.

de *Heavy Metal*. A partir dessas bandas, surgiram várias outras com estilos diversos. Os espaços para apresentação eram precários, mas os integrantes das bandas tinham como ponto de encontro lojas especializadas “Distúrbios Sonoros” e “Lokaos”, contando com o apoio de um programa especializado na “Rádio Atalaia FM”. O programa chamava-se “Rock Revolucion”, era produzido pela loja “Distúrbio Sonoros” e costumava ceder espaço para as bandas locais.

Por volta da década de 90, surgem outras bandas influenciadas pela explosão da cena rock em Sergipe, como a “Snooze”, que obteve visibilidade, chegando a participar de festivais em Goiânia (o Goiânia *Noise* Festival) e em São Paulo, e a banda oriunda do município de Lagarto chamada “Lacertae”, que mais tarde foi reconhecida nacionalmente como um dos grupos mais inovadores do cenário do rock independente, chegando a participar de uma coletânea chamada “Brasil Compacto”, que foi lançada pela gravadora “Rock it”¹³. Esse tipo de acontecimento, no qual as bandas alcançaram resultados musicalmente positivos, acabou motivando e dando visibilidade a um movimento local de formação de bandas desses gêneros, que foram estimuladas pelas que possuem maior tempo de existência e mais experiência na articulação com os espaços de apresentação.

A partir desse momento de expansão do surgimento de várias bandas, aconteceram alguns festivais de música no Estado, como o “Rock-SE”¹⁴ e o “Punka-SE”¹⁵, que mesclavam a apresentação de bandas nacionalmente conhecidas com bandas locais. Apesar de poucas edições, esses festivais marcaram uma cena do rock em Sergipe e impulsionaram outros produtores de shows que os sucederam.

Esse cenário de shows e ebulição do gênero rock acontecia com mais frequência na capital do estado, mas não anulava a existência de bandas de rock e de alguns shows nos municípios vizinhos. A “Lacertae” surgiu no município de Lagarto, que fica a 75 km da capital Aracaju, assim como as bandas “Karranca”, de Itabaiana, a 58 km de Aracaju, e “The Baggios”, do município de São Cristóvão, que fica a 25 km de Aracaju,

¹³ Dados extraídos do Blog especializado em rock sergipano <http://escarronapalm.blogspot.com.br>, acessado em janeiro de 2013.

¹⁴ A primeira edição do festival Rock-SE aconteceu final do ano de 1998. Os produtores trouxeram bandas de renome no cenário do rock nacional, como, por exemplo: O Rappa, Marcelo D2, Eddie, e também bandas sergipanas, que muitas vezes dividiram o palco. Depois de sua 2ª edição o festival deixou de existir.

¹⁵ Festival que teve sua última edição em 2004, e que também trouxe bandas de renome nacional, como, por exemplo: Los Hermanos, Autoramas, Street Bulldogs.

além de outras que foram surgindo a partir dos anos 2000, demonstrando a emergência de uma produção local de bandas de rock. Essas bandas tinham, em Aracaju, a oportunidade de divulgar seus trabalhos nos eventos que aconteciam na cidade, pois não existia espaço para apresentações dos grupos nos seus próprios municípios. O que quero dizer é que pequenos festivais e eventos se tornaram espaços possíveis de reunião de grupos e consumidores do estilo.

No quadro abaixo estão elencados alguns dos festivais de rock realizados nos municípios de Sergipe. Festivais que em sua maioria não cobram entrada, demonstrando que o retorno para os organizadores é de caráter simbólico e de prestígio social. Além disso, surgem numa mesma época e muitos deles possuem a proposta de apresentar outros tipos de exposições artísticas além da música, como, por exemplo, poesia e exposições de quadros, demarcando o sentimento de pertença as peculiaridades culturais de cada região.

Quadro II: Festivais de rock em Sergipe na atualidade¹⁶

Festival	Surgimento	Local	Bandas	Pago	Produção
Ajuntatudo	1995	Lagarto	Bandas de rock locais/poetas locais	Não	Produtores locais
Junta Rock	2003	Umbaúba	Bandas de rock locais	A partir de 2006 passa a NÃO cobrar	Produtores locais
Alternativo Rock	2006	Canindé de São Francisco	Bandas de rock locais/apresentação de grupos folclóricos locais/exposições e palestras	Sim	Produtores locais
Caverna Rock	2010	Tobias Barreto	Bandas de rock locais	Não	Produtores locais

Desse modo, os festivais tornaram-se cenários importantes de divulgação dessas bandas, que por falta de oportunidade de realizarem seus shows, viam neles uma maneira de poder tocar e divulgar seus trabalhos autorais e estarem em contato com

¹⁶ Quadro com informações obtidas com músicos e produtores de eventos de Rock em Sergipe e através de redes sociais.

outras bandas e com o público consumidor desses eventos. É possível, então, perceber que o Rock Sertão não é um evento isolado, e sim mais um evento dentro do cenário de shows e festivais que surgiram a partir de uma necessidade comum de divulgação de um tipo de música que não está presente nos grandes circuitos da mídia em Sergipe. Torna-se importante, portanto, elucidar questões acerca das particularidades da produção e do consumo cultural deste festival, tópicos abordados no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – O FESTIVAL NO SERTÃO E O PROTAGONISMO JUVENIL

Nesse capítulo, traço uma análise do surgimento do festival e suas relações de produção e consumo, analisando as trajetórias sociais dos idealizadores e mantenedores do Rock Sertão. Busco demonstrar quais as estratégias adotadas e os significados atribuídos pelos organizadores sobre a iniciativa de realização do evento num contexto cultural específico, a cidade de Nossa Senhora da Glória, no interior do estado de Sergipe.

Os produtores são homens, universitários ou recém-formados, nascidos na cidade, alguns residindo em Aracaju, mas todos mantendo vínculo familiar e social com o município de origem. De acordo com os dados obtidos através de pesquisa no blog do evento, identifiquei que a 1ª Edição do Festival de Música Independente “Rock Sertão” foi realizado no dia 24 de março de 2001, com quatro bandas oriundas de três cidades da Região do Alto-Sertão. Apesar da dificuldade na divulgação por questões que envolveram falta de recursos, mesmo assim, desde o início, o festival atraiu público da região.

A partir das edições seguintes os produtores foram ampliando o festival, conseguindo espaço de divulgação através de programas na rádio local. As relações sociais, afinidades de gosto e informações compartilhadas em encontros cotidianos no principal espaço de sociabilidade da cidade, estimularam o envolvimento mais intenso daqueles jovens com o rock, fortalecendo certa iniciativa de fomento cultural associado a este estilo na região.

2.1 O surgimento do Rock Sertão

O **Festival de Música e Arte Independente Rock Sertão**¹⁷ surgiu no ano 2001, com o nome de Rock Sertão. No município de Nossa Senhora da Glória, considerada a capital do sertão sergipano, com 30.466 habitantes¹⁸ e situada à 126km de Aracaju, capital do estado. Existia uma banda de rock chamada “Fator RH”, nome retirado de outra banda dos anos 90 que existia em Nossa Senhora da Glória, composta por quatro integrantes, na faixa etária dos 18 anos. Um desses integrantes glorienses, conhecido como Fuzer, havia frequentado um festival de rock na cidade de Vitória – ES no ano 2000 e ainda pensando nessa experiência, resolveu organizar um festival de rock na sua própria cidade.

Conversando com os amigos, integrantes da banda, Fuzer não encontrou apoio entre eles, que não acreditavam que um festival de rock poderia dar certo naquela localidade em que se difunde um ideal típico de gosto musical associado aos estilos forró e axé. Desta forma, o Rock Sertão foi organizado em sua primeira edição, em 24 de março de 2001, segundo Fuzer, como o objetivo de surpreender as pessoas da cidade, incluindo seus companheiros de banda, mostrando que era possível realizar um festival de rock fora do circuito mais evidente, que seria da capital do Estado.

Desse modo, a estratégia utilizada por Fuzer foi pedir apoio financeiro aos comerciantes da cidade, para que fosse possível garantir minimamente uma estrutura necessária para a realização do show, como panfletos de divulgação e aluguel de som para amplificar os instrumentos musicais, por exemplo.

Através de recursos provenientes do comércio local, o evento foi realizado em praça pública e contou com a participação voluntária de três bandas¹⁹, incluindo a Fator RH, que tocava músicas próprias e alguns covers; além dessas três bandas oficiais, no momento em que ocorria o evento chegou uma banda do estilo *heavy metal*, proveniente do povoado Santa Rosa do Ermírio, localizado no município de Poço Redondo²⁰, chamada “The End”, que munidos de seus instrumentos musicais,

¹⁷ O festival surgiu apenas com o nome Rock Sertão, no entanto, ao longo das edições sofreu transformações e passou a se chamar assim. Esse fato será explorado no próximo capítulo.

¹⁸ Dados do censo 2008 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁹ Duas delas oriundas do município de Itabaiana, a Karranca e a Urublues.

²⁰ O município de Poço Redondo fica a 170 km da capital Aracaju.

resolveram arriscar tocar no festival, pois souberam da sua existência através de notícias boca-a-boca. Foi acordado que eles poderiam se apresentar e a primeira edição do Rock Sertão terminou com quatro bandas se apresentando naquela noite. Todas as bandas que se apresentaram nessa primeira edição, tinham relações de afinidades com os membros da banda “Fator RH” e aceitaram o convite mesmo não recebendo nenhum tipo de ajuda de custo, nem com o transporte.

Imagem 01: Palco da 1ª edição do festival Rock Sertão em Nossa Senhora da Glória – Ano 2001



Fonte: Arquivo pessoal do produtor do Rock Sertão: Binho.

Imagem 02: Público da 1ª edição do festival Rock Sertão em Nossa Senhora da Glória – Ano 2001



Fonte: Arquivo pessoal do produtor do Rock Sertão: Binho.

No dia do festival, ocorreria também na cidade de Nossa Senhora da Glória, um evento com bilheteria paga em que a atração principal era a banda baiana de pagode chamada “O Rôdo”. No entanto, o evento teve que ser cancelado por falta de público, que se encontrava em peso na praça em que as bandas de rock se apresentavam, todos curiosos em observar a novidade na cidade. Isso demonstra a motivação do público em estar em contato com algo não vivenciado culturalmente dentro da cidade, um espetáculo gratuito de bandas que tocavam músicas que não faziam parte do cotidiano da maioria das pessoas da cidade.

A escolha de Nossa Senhora da Glória para realização do festival se deu pelo fato da banda Fator RH e todos os seus integrantes residirem em Glória. Desse modo, segundo os produtores, eles ansiavam por fazerem algum evento que fomentasse e também divulgasse as bandas de rock existentes na cidade e regiões vizinhas. Além disso, o município fica distante da capital, dificultando o intercâmbio pessoal com as bandas aracajuanas e conseqüentemente com espaços disponíveis para shows. O nome dado ao festival, *Rock Sertão*, é uma homenagem dos produtores à cidade em que seus pais residiam e que eles nasceram, e segundo Fábio Aragão, um dos organizadores: “a cidade é a porta de entrada para o sertão”. Esse jargão é utilizado politicamente para demonstrar uma relação do município com a identidade do “sertão”, que além de geograficamente estar localizado numa região que permite diversas vias de acesso entre

os municípios, é apontado como representante do modo de viver sertanejo. Além disso, são acionadas figuras locais como o artesão “Véio”, o cantor “Sergival”, o poeta “Jorge Henrique”, dentre outros, que através de sua arte retratam a vida no sertão, reafirmando a conotação batalhadora a qual é atribuída imagetivamente ao sertanejo.

Como dito anteriormente, o show com a banda baiana foi cancelado no dia do Rock Sertão pelo fato de as pessoas se amontoarem na Praça do Coreto em virtude da cidade estar recebendo aqueles “jovens de preto” (como dizem os moradores mais velhos da cidade) que tocavam músicas que nunca viram e ouviram anteriormente ali. Em conversa com quem estava presente naquele dia, foi exposto que no fim do show, com as pessoas olhando admiradas a tudo o que ocorria, um dos participantes tomou posse do microfone e proferiu palavras de baixo calão direcionadas àqueles que não estivessem gostando do festival. Os organizadores e pessoas que estiveram presentes nesse episódio relatam que essa situação gerou bastante desconforto nas pessoas que estavam presentes e reafirmou ainda mais as pré-noções da população local, quando se tratava da música rock e seus adeptos, enfatizando à noção de juventude rebelde e ligada a marginalidade, muito difundida nos anos 50/60, quando o rock surgiu.

De acordo com os produtores do festival, em razão desse ocorrido e também de um dos integrantes da Fator RH, idealizador do Rock Sertão, mudar de cidade, o evento passou dois anos sem nenhuma edição. Em 2004, Binho (também integrante da Fator RH) resolveu dar seguimento ao que seria a segunda edição do festival Rock Sertão. A edição ocorreu em maio de 2004, e já contava com mais organizadores que ajudariam na produção do festival em todas as suas próximas edições.

Na segunda edição, o festival contava com o grupo de produtores que permanece até as edições atuais: Binho, Crivo, Danilo e Fábio. Na época eles tinham entre 17 e 20 anos e eram estudantes. A partir de tal edição o evento tornou-se regular, acontecendo uma vez por ano. O cartaz da imagem 3 foi idealizado e confeccionado pelos produtores, sendo o principal material de divulgação da 2ª edição do Rock Sertão, realizada em maio de 2004.

Imagem 03: Cartaz de divulgação da 2ª. Edição do Rock Sertão – Ano 2004



Fonte: Acervo dos produtores

Percebe-se que a fonte utilizada na logo do cartaz possui uma conotação rústica, com utilização das cores preta e branca, o que inclusive torna mais barata a confecção em grande quantidade. Além disso, existe uma intenção de utilizar o festival para fins sociais, na medida em que naquela ocasião se pedia um quilograma de alimento aos que irão ao evento, utilizando o sorteio de prêmios como atrativo para reunir mais pessoas. Não existe nenhuma propaganda de patrocinador ou apoiador do evento, demonstrando a dimensão do festival nessa edição. Não existia a percepção por parte dos organizadores em utilizar o espaço do cartaz para negociar cotas de patrocínio com parceiros locais e/ou estaduais.

Através do cartaz é possível imaginar que o evento tinha um baixo custo de produção nas suas primeiras edições, demonstrando certa inexperiência na sua elaboração. Mais à frente demonstrarei outros cartazes de divulgação e as mudanças que surgiram no *layout* serão também analisadas, observando que os cartazes também acompanham o amadurecimento e profissionalização dos produtores e trazem elementos que traduzem algumas concepções do festival. No entanto, a fonte estilizada da marca

Rock Sertão permanecerá com o mesmo padrão estético, remetendo a terra ressecada da geografia característica da região²¹.

2.2 Um festival no sertão

A escolha do nome do festival está pautada numa referência direta a uma região com características bastante peculiar. O nome do festival não evoca um rock em/de Sergipe ou de Aracaju, mas sim aciona um lugar que inclusive é visto pelas pessoas da capital, muitas vezes por conta da mídia, como um lugar distante, possivelmente atrasado economicamente e relacionado à imagem do sertanejo, como um homem sofrido e ligado às atividades do campo.

O fomento desse estilo musical dentro do sertão gerou a criação de uma rede de troca entre os fãs do gênero na região. No momento dos shows é destacada, pelo apresentador do festival, a presença de pessoas vindas dos municípios vizinhos à Nossa Senhora da Glória. A todo o momento é ativado pelos produtores, a importância de proporcionar uma opção de lazer diferenciada do que comumente é realizado nessas cidades do interior.

O rock, em Nossa Senhora da Glória, se firmou a partir de iniciativas individuais e coletivas para a expansão dos espaços de produção cultural, dentro de uma região geográfica peculiar. A ideia tornou o festival conhecido entre os jovens da região, além de ter um sentido simbólico para os que não se identificavam com o estereótipo cultural propagado no sertão, em que as festas na cidade só têm espaço para a divulgação do forró e do axé.

A participação de bandas independentes no festival, ou seja, que se intitulam como parte do *underground*, coloca em questão uma discussão acerca do que seria essa cena e ao que ela se contradiz. O *underground*, que está direcionado a um público específico, mas sem pretensões de atingir os grandes meios de comunicação, está em oposição ao *mainstream*, que é o principal meio de produção e fluxo, que detém o poder de divulgação e massificação. Ao intitular o Rock Sertão enquanto um evento independente e que opta por abrir espaço para as bandas *underground*, os produtores

²¹ Ver anexo 03, cartazes das diferentes edições do Rock Sertão.

agem de maneira autônoma, gerindo seu processo de circulação de produção e consumo que consiga alcançar visibilidade e legitimação dentro de um espaço que culturalmente está inserido no *mainstream*. Intitular o festival como independente é, de certo modo, reafirmar uma postura de evento que vai de encontro com as propostas culturais existentes hegemonicamente.

A discussão sobre a produção cultural independente do Estado foi pauta de um Fórum de Discussão ocorrido em uma das edições do festival. Estiveram presentes representantes de grupos provenientes de diversos municípios como Simão Dias e Nossa Senhora do Socorro, além de um produtor ligado à rádio pública estadual e um representante da ABRAFIN (Associação Brasileira de Festivais Independentes). Segundo os produtores, existia e ainda existe uma preocupação em socializar experiências com outros produtores de dentro e de fora do Estado para que desse modo ocorra um enriquecimento nos modos de fazer o festival. Em tal contexto, ocorre uma busca pela profissionalização da produção do festival e uma expectativa de expansão e superação das atividades já realizadas, assim como uma ampliação na parceria com os órgãos públicos municipais. O que eles mais destacaram na ocasião do Fórum, no ano de 2012, foi à falta de apoio por parte das instituições públicas e privadas, sendo que se esse apoio viesse ele não poderia descaracterizar a proposta inicial dos festivais independentes. Também assinalaram sobre a necessidade de “abraçar” a maior quantidade de bandas possíveis, inclusive as de fora do Estado, que se inscreveram para participar do Rock Sertão.

As rodas literárias e os saraus poéticos que ocorrem periodicamente na cidade e são promovidos por pessoas que estão envolvidas na organização do Rock Sertão, é outra proposta de fomentar a arte local durante os dias do festival. Nesses espaços, eles também propõem resgatar a produção realizada por jovens, transpondo a mesma ideia do festival que é a de valorização regional e independência. O Rock Sertão movimentava outras práticas artísticas na cidade.

Os produtores acionam o slogan “Sertão enquanto capital do rock”, de certo modo apostando numa afirmação de que o festival representa um cenário importante para determinados grupos de identificação com estilo “roqueiro”. Além disso, os produtores percebem que a realização de tantas edições do festival ao longo dos anos, com o comparecimento de um público vindo de vários lugares, em vários anos, seria

mais uma demonstração de representatividade e da ideia de centralidade e importância do evento. Com isso, eles estão evidenciando o sentido para a realização desse festival, já que o que também está em jogo é o reconhecimento, a autoafirmação da produção e o lugar onde ele é realizado. De acordo com as narrativas dos produtores, o fato de o festival perdurar por dez edições e ter adesão do público e das bandas que se inscrevem, evidencia que o mesmo “está dando certo”, tornando-se uma motivação para que ele continue ocorrendo.

A banda “Fator RH”, que se apresenta desde 2001, tem muitas de suas composições musicais com temáticas que discutem suas condições de vida, o lugar de onde vieram, suas vivências e olhares em meio ao sertão. Em umas das edições, a banda apresentou para o público uma versão rock para a música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, que trata do problema da seca que periodicamente assola a região, dificultando a vida econômica dos sertanejos, em que criação de gado e o plantio significam atividades de suma importância para a vida de muitas pessoas.

A adaptação de uma música simbolicamente importante para a região, inclusive originalmente composta e gravada por um artista nordestino, é observada como uma necessidade mínima de reconhecimento ou enquadramento através de referências culturais do sertão, que dizem respeito a um estilo de vida próprio, marcado regionalmente. Matín-Barbero (2004) diz que a apropriação e reelaboração musical respondem a movimentos de constituição de novas identidades, neste sentido, entendo que a música “Asa Branca” é reapropriada pela juventude no contexto do festival.

É possível então, perceber uma “mundialização” cultural como destaque importante dentro da história do Rock Sertão e de bandas como a Fator RH. Ao mesmo tempo em que esses jovens preservam elementos culturais locais, valorizando uma “cultura sertaneja” eles também dialogam com uma cultura mais “globalizada”, como o rock. Essa nova forma de conceber a cultura, a “desterritorialização”, foi tratada por alguns autores como Canclini (1997), Hall (2003) e Appadurai (2004) como uma fusão entre as diversas esferas da cultura, não causando necessariamente a aniquilação das culturas locais.

Do mesmo modo que esses jovens se apropriam da música rock globalizada, eles evocam elementos que devem ser preservados, como na execução da versão rock para

“Asa Branca” ou na escolha do nome dado ao palco Véio Artesão²², em uma das edições, com o intuito de homenagear um dos artesãos mais importante da região, ou na exibição de peças de teatro da Cia Boca da Mata, que sempre falam da história do surgimento do município, e, ainda, nas oficinas de audiovisual em que a matéria prima dos curta metragens é o cotidiano do sertanejo. Existe aí, a busca por algo que identifique o festival de Rock com a vida do sertanejo, como “único” em meio a uma diversidade de outros festivais de rock espalhados pelo Brasil.

Imagem 04: Palco “Véio Artesão” - Ano 2012



Fonte: Acervo da autora

²² Entre os intervalos das bandas, o apresentador do festival a todo o momento deixava claro para o público a escolha para o nome do palco. A homenagem feita a “véio artesão”, considerado um dos maiores artesão do Estado, e a maioria de suas esculturas, feitas em madeira, estão expostas num terreno pertencente a sua família, localizado em Nossa Senhora da Glória.

Imagem 05: Grupo de Teatro Boca da Mata – Ano 2010



Fonte: Acervo do produtor Crivo.

2.3 Juventude, festival e protagonismo juvenil

Para Pais (2003), juventude é tanto um conjunto social que pode ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si. Dessa maneira, pensar a juventude não é apenas associá-la a uma determinada faixa etária, mas retratar que ela também pode representar um fenômeno social que se estende para diversas outras idades, despertando estilos e modos de vida e orientando visões de mundo.

Os produtores do festival Rock Sertão resolveram organizar um evento de rock, com intenções de conquistar um espaço ainda não explorado dentro do município em que viviam. Binho, Crivo, Danilo e Fábio são os responsáveis por tal iniciativa a partir do ano de 2004. Desse modo, através de entrevistas abertas feitas com cada um desses organizadores, procurei entender quem são esses jovens, de que maneira eles se inseriram na produção do Rock Sertão, quais foram seus espaços de sociabilidade, o que

o festival significa para eles e quais as atividades que exercem durante o festival. Ao longo das edições, vários outros jovens também se envolveram na organização do evento, no entanto, procurei identificar aqueles produtores que participam há mais tempo e de todas as etapas que precedem à produção do festival (captação de recursos, inscrição em editais, concepção estrutural e divulgação), sendo apontados e reconhecidos por outras pessoas como os “meninos do Rock Sertão”.

O festival é organizado por rapazes que cresceram em Nossa Senhora da Glória. Esses jovens viveram suas infâncias no município, e com ela seus espaços de sociabilidades, suas vidas escolares e suas brincadeiras de rua. São jovens que viveram o modo de vida da cidade e que, em algum momento de suas vidas, viram na música, prioritariamente MPB e rock, um elemento importante de diversão e constituição de um gosto comum, de um estilo de vida. Segundo eles, foi através das rodas de violão que aconteciam à noite na Praça da cidade e atraíam os jovens que gostavam do mesmo tipo de música, que foi possível unir pessoas com gostos e ideais comuns, já que tinham um momento em que compartilhavam experiências cotidianas. Através do gosto musical, eles se uniram em torno de um projeto que dizia respeito à afirmação de um estilo de vida relacionado ao lazer. Neste caso, a música aí foi utilizada como uma forma de expressão cultural e como demarcadora de um senso coletivo de identificação juvenil.

Todos os envolvidos na produção do Rock Sertão saíram de Nossa Senhora da Glória em algum momento de suas vidas, para estudar, pois, segundo eles, só na capital conseguiriam cursar o ensino superior. Binho cursou Filosofia, Fábio fez Letras, Danilo concluiu o curso de Geografia, todos na área de licenciaturas pela Universidade Federal de Sergipe, e Crivo fez o curso superior em Publicidade e Propaganda, em uma universidade privada. A experiência de Crivo facilitou a confecção dos cartazes de divulgação e uso de ferramentas ligadas a internet para divulgação do evento, o que, segundo Binho, evita mais alguns gastos com a produção. Além disso, a comunicação visual do evento é elaborada por alguém que vivencia o cenário do sertão e o modo pelo qual o festival é concebido.

Atualmente, os produtores do Rock Sertão também atuam profissionalmente em diferentes áreas: Fábio trabalha como servidor público no município de Glória, Danilo cursa Mestrado em Geografia, Binho dá aula de filosofia para o ensino

fundamental e médio e Crivo trabalha como *freelancer*²³ para empresas da área de propaganda.

No quadro abaixo, procuro ilustrar o perfil social desses produtores, ressaltando seu envolvimento com múltiplos contextos de formação e informação. Ou seja, como diz Martin-Barbero (2008), a juventude contemporânea urbana é composta por pessoas com maior acesso a informação, mesmo que desprovidas de bens materiais. Isto é devido à ênfase do estímulo a escolarização, bem como pelos facilitadores de acesso a informação através da popularização do uso da internet.

Quadro III: Algumas características sociais dos produtores do Rock Sertão

Produtores	Nascimento país	Idade	Formação	Atividades	Residência
Binho	Monte Alegre/SE – mãe Nossa Senhora da Glória/SE - pai	30	Filosofia Licenciatura	Professor do Ensino Básico	Nossa Senhora da Glória
Danilo	Quixaba/SE (povoado de Nossa Senhora da Glória) - mãe Itabaiana/SE - pai	25	Geografia Licenciatura	Faz parte da AGB (Associação de Geógrafos Brasileiros); Faz parte de um grupo de estudos na UFS; Estuda Geografia Bacharelado e faz Mestrado em Geografia na UFS.	Aracaju
Fábio	Nossa Senhora da Glória/SE – mãe Gararu/SE - pai	32	Letras Português Licenciatura	Funcionário Público	Nossa Senhora da Glória
Crivo	Ribeirópolis/SE – mãe Nossa Senhora da Glória/SE - pai	24	Publicidade e Propaganda	Trabalha na área	Aracaju

Fonte: Entrevistas concedidas à pesquisadora.

²³ São serviços temporários onde o empregador não assume compromissos trabalhistas com seu contratado, sendo o pagamento feito mediante ao projeto executado.

Atualmente os produtores do festival exercem outras atividades que geram remunerações. Isso não impede a manutenção do festival, já que eles justificam que realizam o festival por terem “coragem e vontade”, enfatizando o próprio protagonismo. O que dá sentido a esse tipo de entendimento, na organização de festivais, são as possibilidades de vivenciar a experiência de um consumo cultural que acabou fomentando uma rede de afiliação mais ampla de contatos com as bandas, com outros produtores e com o próprio público que os reconhece enquanto mantenedores de uma cena local.

O termo “cena” remete as interações e conexões existentes num determinado contexto, nesse caso, o da música. Quando existe certa efervescência na produção cultural de um determinado local, a cena é logo nomeada ou legitimada. A cena é uma maneira das práticas musicais ocuparem o espaço urbano e ser foco dos processos sociais dos atores envolvidos na produção, consumo e circulação da música nas cidades (JANOTTI JR;LIMA; PIRES; 2011).

Fazer o festival Rock Sertão no município de Nossa Senhora da Glória, condiz com a história vivência por esses organizadores, que estavam no momento da concepção do festival. Envolvidos com um cotidiano dentro da cidade e ali naquele cenário, pensaram em dar vazão aos seus anseios de buscar um tipo de lazer específico que servia para divulgar a música, para as bandas fazerem suas apresentações, estimular o surgimento de novas bandas e também para obter contatos com pessoas que compartilham dos mesmos gostos.

Através das entrevistas sobre o que o Rock Sertão significa para esses produtores, obtive respostas que demonstra o quanto o fato de realizarem esse evento e gostarem da música rock simboliza, para eles, uma distinção social. Como é colocado por um deles: “depois do Rock Sertão as pessoas olhavam a gente diferente, todo mundo tem uma vida normal e tal diferença é que gostamos de coisas diferentes, como rock é música diferente para eles, foge ao padrão para eles, até a um estereótipo de pessoa gloriense”. Essa narrativa se refere à imagem que eles acreditam transmitir as pessoas que residem no município, que conhecem o festival, que acompanharam seu surgimento, mas que não compartilham do mesmo gosto. Relata também a existência de uma distinção geracional de mudança dos “padrões” dos jovens do município, em que, segundo depoimento: “se eu fosse seguir o padrão, hoje eu trabalharia com meu pai,

sairia para a praça e escutaria forró”. Nesse trecho, é destacada a situação da maioria dos jovens da cidade, que acabam por seguir as profissões dos pais ou ajudam trabalhando no comércio local gerenciado pelos pais. Nesse sentido, ele acredita que a experiência com a música abriu o caminho para o encontro com outros tipos de artes, inclusive despertando para outras possibilidades, que não a seguida pela maioria dos jovens locais. Esse envolvimento com um tipo de música que põe em questionamento assuntos como política, gênero, condição da juventude, atrelado a vinda para a capital para cursar o ensino superior, serviram como condicionantes para uma postura diversificada diante das propostas culturais que eram vivenciadas em Nossa Senhora da Glória.

Além disso, os produtores do Rock Sertão narram suas concepções acerca do festival, como empreendimento, do fazer cultural na cidade e do envolvimento social e de identificação dentro de um cenário peculiar. Eles relatam a atividade de produção como algo que é um “sinônimo de liberdade” à medida que acreditam ser possível uma “outra visão” e uma possibilidade de uma “cena alternativa”. É demonstrado, então, que o Rock Sertão significa o oposto ao senso comum, a diferença, e essa é uma de suas motivações, como também o fato de eles serem os detentores desse poder de concretizar algo que está invertendo, mesmo que eventualmente, os padrões culturais locais. Através de suas atividades de organização, que de acordo com um deles “é algo que dá o que fazer o ano todo e é o que me fez gostar de Glória”, é gerada uma relação de afetividade com o lugar em que o festival é realizado, em que é negociada essa relação entre a música e o local que ela é produzida e consumida, gerando um imaginário sobre o que seria uma “cena rock, numa região sertaneja”.

Os depoimentos demonstram que o festival Rock Sertão funciona para o grupo como um catalisador simbólico, representando não só um momento de diversão e lazer, mas uma proposta de mudança nos padrões culturais comuns do município, com um ideal resgatado do movimento punk: “faça você mesmo”, utilizado como palavra de ordem pelos produtores nas redes sociais na internet, nas entrevistas e nos dias de show, para afirmar que é possível realizar o festival, gerando uma proposta de consumo cultural para um público segmentado, mas que acaba gerando uma aderência de outros públicos consumidores que não apenas a juventude e não apenas do sertão.

Através dessas experiências com a produção do festival é que esses organizadores estariam expondo seus valores, “seus gostos”, “suas identidades” e “visões de mundo”, afirmando um estilo de vida no qual essa forma de lazer trazida para a cidade permite um novo contexto dentro das vivências juvenis.

Abramo (1994) acrescenta que:

O lazer, para os jovens, aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento de relações de sociabilidade, das buscas e experiências das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas – é um espaço menos regulado e disciplinado que os da escola, do trabalho e da família. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. (ABRAMO, 1994, p. 61)

O período do festival, que além dos shows abarca outras atividades culturais das quais falarei mais à frente, representa uma mudança nas formas de acesso ao lazer no município e na região. A iniciativa dos jovens produtores, a ideia de gratuidade, a difusão do festival e a mobilização das pessoas na participação do evento passaram a ser esperadas pelo público da cidade, estando presente no calendário oficial de festas de Nossa Senhora da Glória²⁴. Neste sentido, esta modalidade de lazer é o resultado da atuação destes jovens.

²⁴ Acessando o site *Wikipédia* sobre Nossa Senhora da Glória, o Rock Sertão se encontra no tópico das principais festas do município, junto com “Festa de Santos Reis”; “Forro da Praça 15 de Novembro”; “Carnaforró”; “Vaqueijada”; “Exposição Agropecuária e Feira do Leite”; “Festa Religiosa da Padroeira de Nossa Senhora da Glória”.

CAPÍTULO III – ROCK SERTÃO: CONSUMO E PRODUÇÃO SOCIOCULTURAL EM SERGIPE

Neste capítulo, trago elementos importantes para entender como se dá a produção do festival, através das estratégias dos produtores para captar verbas para realização deste, das mudanças ocorridas ao longo das edições do evento, do envolvimento e ampliação de outros tipos de artes como o teatro, a literatura e o audiovisual.

Discuto também a questão simbólica que envolve o uso da Praça Antônio Alves de Oliveira como palco para os dias de show, desde a primeira edição do evento. Através disso é possível perceber como a juventude local atribui significados pautados no evento que lá ocorre em contrapartida com o incipiente cenário de lazer e entretenimento da localidade.

Busco retratar a minha inserção no campo e os elementos nele observado, descrevendo a partir disso, minhas impressões, a dinâmica do festival e também como ocorreram os dias de evento os quais eu pude acompanhar e registrar através de anotações, fotografias e vídeos.

Sendo assim, procuro entender todo o processo que antecede o festival, analisar os modos como é produzido e as estratégias utilizadas pelos seus produtores. A partir de suas narrativas e das observações colhidas em campo, é possível examinar e perceber o panorama em que esse evento está inserido e o que os produtores pretendem atingir com a manutenção do evento.

3.1 A produção/produtores

Para produção do Rock Sertão, a organização executa diversas tarefas durante o ano, ou seja, a partir do término de uma edição, eles já se preparam para a próxima. A principal preocupação dos organizadores é captar verbas para custear o mínimo da estrutura possível para realizar o festival. Como eles mesmos colocam, essa é a maior dificuldade enfrentada por eles dentro da produção, já que o evento não tem pretensões econômicas, e eles não possuem retorno financeiro, tendo que a cada ano angariar verba para custear cada edição.

A inscrição do projeto Rock Sertão nos editais que financiam e fomentam projetos culturais é uma grande preocupação dos produtores. É nesse período que antecede a data do festival que eles procuram se informar na internet ou através de pessoas que conheceram ao longo de suas trajetórias enquanto produtores culturais, sobre como e onde encontrar editais de financiamento disponíveis e que se encaixem nas suas propostas. A partir disso, eles participam de cursos e oficinas promovidas por diferentes órgãos, como o SEBRAE e o Serviço Social do Comércio - SESC, a fim de entender como é o formato de um edital, como devem escrever o projeto e depois prestar contas de como foi utilizado o dinheiro investido, que de acordo com os organizadores exige muita atenção e cumprimento das regras, para que não ocorram problemas no momento de repasse e gasto dos recursos, o que geralmente ocorre depois da realização festival.

Entre as atividades realizadas previamente está a busca pelos parceiros e apoiadores do Rock Sertão. Munidos de um projeto, eles procuram apresentá-lo a empresas interessadas em patrocinar o festival. Procuram também instituições que possuem caráter de incentivador de pequenos projetos, como no caso do SEBRAE, que anualmente realiza “Feira de Sergipe”²⁵, a qual reúne diversos produtores nos mais diferentes setores do estado. No ano de 2011, os produtores do Rock Sertão foram convidados a participar desse evento, e lá expuseram banners com a marca do festival,

²⁵ Feira promovida pelo SEBRAE, que no ano de 2013 aconteceu em sua 14ª edição, com o objetivo de Incrementar o desenvolvimento artesanal, cultural e turístico do Estado de Sergipe, criando oportunidades de divulgação e geração de negócios, proporcionando aos participantes a realização de novas parcerias comerciais, além de consolidar os mercados já existentes.

vídeos de edições antigas e também distribuíram gratuitamente um Cordel²⁶ contando a história do evento. Através de tal iniciativa, os produtores pretendiam divulgar a ocorrência do festival não só para as pessoas do estado, como também para turistas, visto que a Feira é realizada na Orla de Atalaia, espaço de atração turística da Capital.

O contato dos produtores para o patrocínio junto ao Governo do Estado, na gestão do governador Marcelo Déda (PT), se deu através de sua visita, ainda em campanha eleitoral no ano de 2006, para uma entrevista para a rádio local Boca da Mata FM. Lá, os produtores esperavam o horário de entrar no ar com o programa Rock Sertão, quando foram questionados pelo então governador, se o cartaz que eles portavam dizia respeito a um show de rock na cidade. Eles afirmaram que sim, explicaram o festival e pediram apoio. No ano seguinte um dos produtores escreveu o projeto e entregou para o governador na ocasião de um evento de inauguração. Através de acordo político, o projeto foi encaminhado à Secretaria de Cultura e aprovado em um dos editais de cotas para patrocínio. Desde a 6ª edição, os produtores do festival submetem projetos em editais de programas do Governo Estadual, com o intuito de angariar verbas para a ocorrência do evento, tornando essa prática regular na fase de pré-produção do Rock Sertão.

Ainda em relação à parceria com o governo, eles conseguiram agendar reuniões com a então presidente da Fundação Aperipê na gestão de 2007-2011, responsável pela TV e Rádio pública do estado de Sergipe. Através desse contato, conseguiram apoio dentro da emissora, que passou a transmitir “ao vivo” o evento no ano de 2010. Em alguns momentos, essa transmissão se deu através da TV e rádio, como nos anos de 2010 e 2011 e em outros somente através da rádio (no ano de 2012). Os produtores encaram essa parceria como algo benéfico para o festival, por ser mais um modo de divulgar o evento. O então diretor da Aperipê FM no ano de 2011, Edézio Aragão, falou que “a fundação pensava na parceria por conta da lógica do festival, não só o show, mas também os espaços com oficinas, fóruns. Mesmo com a presença da Aperipê, o evento não mudou seu caráter de autonomia. Os veículos estão para ajudar e dinamizar”.

Durante a pré-produção do festival, os organizadores preocupam-se em torná-lo o mais conhecido possível, procurando a mídia local e divulgando os dias do festival

²⁶ Cordel com ilustrações e texto de um dos produtores do Rock Sertão, em que é contada a história do festival. Foi elaborado para comemorar a 10ª edição do evento e traz imagens que remetem ao imaginário da região do sertão.

através de aparições na “agenda cultural” dos jornais locais e impressos, vinhetas na TV e no rádio, além do uso predominante das redes sociais, todas sem dispêndio financeiro, como afirma Binho, um dos produtores, que diz que “o apoio é dado pelo fato de existirem profissionais que abraçaram a ideia em virtude de acreditarem no Rock Sertão”.

Além disso, eles produzem outros eventos durante os meses que antecedem o Rock Sertão para fazer uma espécie de prévia e fomentar as atividades da Associação Sertão na Arte. Desse modo, realizam exposições de quadros, ensaios abertos com a banda Fator RH e bandas convidadas, saraus literários, exibição de filmes. A intenção é, segundo eles, movimentar a produção cultural local, ter opções de lazer na cidade e também mais uma forma de expor a marca Rock Sertão e demonstrar que existem atividades fora dos dias de shows, durante todo o ano, criando com isso, a simpatia de vários jovens da cidade, que greem expectativas para os dias de show e ajudam também na divulgação “boca a boca”.

Segundo os produtores, a estrutura física do local, como aluguel de palco, iluminação e mesa de som é sempre locada com os mesmos profissionais, o que facilita o agendamento e a confiabilidade na execução do serviço, sendo outro item de importância nos meses que antecedem a realização do evento. São serviços como reserva de locais para hospedagem dos músicos e afins, aluguel de banheiros químicos e impressão de panfletos para divulgação em Glória e em Aracaju. Além disso, fazem contato com profissionais da música e jornalistas que realizarão a curadoria para escolha das bandas que se apresentarão e com a equipe de oficinairos, que muitas vezes são do ciclo de amizade dos organizadores.

A pré-produção do Rock Sertão é pautada na busca de meios para angariar fundos que possibilitem a realização do festival, mesmo que para isso tenham que adaptar a estrutura, como, por exemplo, a possibilidade de montar um ou dois palcos ou o pagamento de cachês, durante o evento, depende sempre do saldo que eles consigam levantar. Diante disso, planejam o festival de acordo com a captação dos recursos, e almejam uma independência por parte do financiamento governamental, por temerem que numa mudança de gestão, o Rock Sertão não tenha mais espaço para concorrer aos editais lançados pelo governo atual.

Apesar de buscarem uma expansão de público e reconhecimento através de parcerias com setores governamentais, o festival mantém um caráter independente no seu modo de produção e na sua lógica de funcionamento, já que privilegiam as bandas também intituladas como independentes dentro do rock e seus subgêneros. Além disso, enfatizam o festival como o espaço do “faça você mesmo”, realizando-o mesmo com a verba limitada, o que tem chamado a atenção de jovens locais que nos dias do festival se oferecem como voluntários para ajudar a organização.

Em seu estudo, Abramo (1994) traz à tona as discussões ocorridas no âmbito do Centre for Contemporary Cultural Studies - CCCS para mostrar uma situação histórica que deu início aos estudos sobre juventudes e formações de estilos em torno de elementos simbólicos com criações de espaços de lazer e diversão e em torno de bens de mercado como o próprio rock. Dentro desse panorama, esses jovens possuem a iniciativa de buscar uma resposta diferenciada das que estão disponíveis, formando um estilo que se apropria e reapropria de elementos de uma dada cultura musical.

Como já apontei nos capítulos anteriores, a realização do Rock Sertão acontece através de parcerias buscadas pelos produtores e que apoiam a ideia, estimulando e cooperando com sua concretização. Um exemplo disto é que após dois anos sem edições do festival, ele retornou em 2004 e com o apoio de uma figura inusitada, o padre da paróquia local. O Padre foi o principal incentivador para o retorno do evento na cidade, chegando inclusive, a divulgar as datas do festival no ambiente da igreja, na celebração da missa, facilitando a inserção dos produtores nos órgãos da prefeitura. Como relata um dos produtores, a ideia que permaneceu na cidade é que “se o padre está apoiando, esse negócio de rock não deve ser ruim”. A partir daquela edição o festival passou a ter duas noites de show, devido a um patrocínio de uma loja de bebidas da cidade de Itabaiana, que ofereceu um equipamento de som com maior qualidade.

Nos primeiros anos, por falta de acesso à internet por parte dos organizadores do festival, a relação com a divulgação midiática se restringia, às chamadas na rádio comunitária FM Boca da Mata. A partir do contato com a rádio e com as pessoas que trabalhavam nela, eles se aproximaram também dos radialistas das rádios de outras regiões vizinhas, que acabaram por divulgar o festival em suas cidades, o que acarretou em mais procura por parte das bandas e do público em conhecer o evento.

Com o passar dos anos e das edições do Rock Sertão, os produtores revelam que foram se profissionalizando e tornando o festival mais organizado, já que eles tinham adquirido mais conhecimento, inclusive sobre como ajustar a mesa de som, sobre logística, e isso trazia uma visibilidade positiva para o evento. Eles relatam que passaram a entender melhor a relação com os patrocinadores já que antes possuíam vergonha de acionar o patrocínio, presos na visão de que estariam “pedindo favor”. Atualmente, tratam essa questão como uma relação de troca, procurando patrocinadores que tenham a população jovem como cujo público alvo de seus produtos, e assim atrair o interesse da contribuição do patrocínio (como exemplo, provedores de internet, lojas de roupas, distribuidoras de bebidas).

O compartilhamento de experiências junto a outros produtores de festivais também foi importante para que os organizadores pudessem adotar certas posturas e entendimentos em torno de sua organização. Em algumas edições do festival, estiveram presentes membros da Associação Brasileira de Festivais Independentes - ABRAFIN²⁷, que participaram de conferências sobre o panorama dos festivais de música em todo o Brasil. Na edição que participei, um deles argumentou que “estava feliz de ver rock no interior. Com a crise nas gravadoras e avanço da internet e aumento das produções musicais, fica mais fácil divulgar a música. As rádios não têm interesse em demonstrar esse novo artista independente. Como circular as bandas independentes? Como construir redes que executassem esse circuito?” Por esse motivo, ele acredita ser importante trabalhar para a qualificação dos festivais, que segundo ele é o “acontecimento” do trabalho do produtor local. Ainda acrescenta que é preciso então, sensibilizar e organizar para que o poder público e o privado apoiem e entendam a importância da cena independente. Este sentimento sintetiza o que os produtores do Rock Sertão entendem como cena independente e o modo como constitui a proposta do seu festival.

Mesmo assim, o molde estrutural do festival Rock Sertão, como ele será realizado em termos de estrutura de palco e contratação de assistentes de palco e técnicos de som e até de algumas atrações, depende da quantidade de verba que os produtores conseguem angariar. Na 6ª edição, por exemplo, eles conseguiram ter acesso ao apoio do governo estadual, através da Secretaria de Estado da Cultura -

²⁷ A associação foi criada em 2005 com a finalidade de potencializar, agregar e promover a troca de informações sobre os festivais de música independente que acontecem em todas as regiões do Brasil.

Secult, que disponibilizaram o recurso para o show do cantor Zeca Baleiro no festival, que mesmo não sendo considerado como *underground*, parece dialogar com esse cenário, mantendo em suas letras uma postura muitas vezes crítica e também com elementos musicais que resgatam as tradições nordestinas e/ou sertaneja, que parece ter sido ressaltado na edição. Abaixo o cartaz de divulgação, no qual nota-se a marca do governo estadual de Sergipe que aparece enquanto órgão que proporciona o acontecimento do evento, além da enorme quantidade de apoiadores e patrocinadores, sinalizando o engajamento dos produtores em captar recursos e certa mudança na intensidade deste tipo de colaboração²⁸.

Imagem 06: Cartaz de divulgação da 6ª edição do festival – Ano 2008



Fonte: Arquivo dos produtores do Rock Sertão

²⁸ A quantidade de patrocínios é algo marcante no *layout* dos cartazes. Os cartazes das outras edições do festival podem ser observados no Anexo 03.

Imagem 07: Foto da logo da marca do Governo do Estado – Ano 2008



Fonte: Acervo produtor Crivo

A imagem 7 foi fotografada na 6ª edição, a mesma no qual ocorreu o patrocínio da Secretaria do Estado da Cultura. Nota-se a presença de uma propaganda com o símbolo da marca do Governo do Estado, situada na parte central da Praça em que ocorre o evento, demonstrando a parceria. A configuração do espaço do festival foi tomada pela representação simbólica de um acessório, um balão, que prontamente fazia alusão à presença do governo na realização daquele evento, tornando claro para os frequentadores, de que o festival realizado naquele ano tinha o apoio daquela gestão de Governo.

Na 9ª edição os produtores conseguiram aprovar um projeto de incentivo a cultura junto a um edital do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social -

BNDES e montaram uma grande estrutura de dois palcos com telão de LED, além de pagar cachê e hospedagem para as bandas que se apresentaram. Os produtores explicam que o objetivo deles é garantir o máximo de estrutura, profissionalismo e qualidade para o festival e para as bandas, não importando se não sobrar dinheiro em caixa, mas sim que o festival possua subsídios para ocorrer da melhor maneira possível, com o melhor equipamento de som, com o melhor tipo de palco, se possível com pagamento do cachê com o intuito de valorizar e estimular as bandas independentes e com a contratação de assistentes de palco para dar suporte às bandas. O que não ocorreu na 10ª edição, por exemplo, em que eles alegam não ter conseguido captar verba suficiente para repetir o cachê das bandas, por exemplo, e a estrutura de dois palcos.

Imagem 08: Estrutura de palco da 9ª edição do Rock Sertão – Ano 2011



Fonte: Acervo da pesquisadora

Imagem 09: Estrutura do palco da 10ª edição – Ano 2012



Fonte: Acervo da pesquisadora.

Outra forma encontrada pelos organizadores do festival para captar recursos (mesmo que não tão significativo diante dos gastos) e ao mesmo tempo divulgar o que foi se conquistando com a “marca” Rock Sertão, é a venda de adesivos e camisetas nos dias de show, utilizando o discurso de que o público pode ter uma lembrança do festival e contribuir para sua continuidade. Em tal momento, espalham a mercadoria numa mesa de plástico e permanecem do início ao término dos shows na atividade de venda com os produtos com a marca. As estampas das camisetas têm à arte produzida para a confecção do cartaz de divulgação do festival. Desde a 2ª edição, as camisetas são confeccionadas com a estampa referente ao cartaz de divulgação do Rock Sertão. Binho iniciou vendendo camisetas da Banda Fator RH, e Danilo e Crivo deram sequência ideia com estampas do próprio festival. Essa iniciativa dos produtores transmite uma ideia de criatividade, visto que elementos que angariam elementos que possibilitam financeiramente a realização e manutenção do festival.

Com o passar dos anos, a internet tornou-se acessível aos produtores e através das redes sociais eles foram conseguindo uma importante ferramenta de divulgação do festival. Além disso, por conta dos diversos contatos feitos com pessoas de bandas locais que possuem visibilidade midiática, e com pessoas ligadas ao governo, conseguiram, na 8ª edição, exibir uma propaganda na TV local, em horários de grande pico de audiência, como no intervalo do jornal local, por exemplo.

Um incentivo a mais para a captação de parceiros e recursos foi a recente aprovação do festival na Lei Rouanet, que de acordo com o governo federal²⁹ é uma Lei de incentivo à cultura conhecida principalmente por sua política de incentivos fiscais a atividades culturais. Esse mecanismo possibilita que cidadãos (pessoa física) e empresas (pessoa jurídica) apliquem parte do Imposto de Renda devido em ações culturais. Assim, além de ter benefícios fiscais sobre o valor do incentivo, esses apoiadores fortalecem iniciativas culturais que não se enquadram em programas do Ministério da Cultura- MinC. O projeto Rock Sertão já foi aprovado duas vezes na Lei Rouanet, e de acordo com o organizador do festival, o motivo da inscrição do projeto “foi a própria sobrevivência do festival, estudamos a lei, participamos de oficinas promovidas pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, viramos noites e noites mexendo no Salic web (sistema online que recebe as inscrições dos projetos), tirando dúvidas ligando para o MinC, procurando pessoas que poderiam nos tirar dúvidas”. A intenção é a de que através dessa lei seja possível captar recursos através de empresas como a Petrobrás, Natura e BNB que lançam editais só para projetos aprovados nessa Lei Federal. Com isso, os organizadores procuram sempre estarem atentos às notícias que envolvem esse tipo de oportunidade. Acaba sendo um recurso importante e seguro para conseguir realizar esse formato de festival.

Os rapazes que organizam o Rock Sertão procuraram, com o passar das edições, alcançar meios de profissionalizar a produção do festival. Essa busca se deu de maneira autodidata, a partir de informações conseguidas através da internet, cursos oferecidos em diversas instituições citadas anteriormente e troca de informações com outros produtores mais experientes. Eles mesmos relatam que sentiram a necessidade de entender melhor a linguagem necessária para escrever um bom projeto cultural e concorrer em editais de incentivo à cultura, como declarar a prestação de contas dos recursos utilizados, como negociar as cotas de patrocínio, dentre outras questões que envolvem a produção de um evento de música e percebem a maturidade alcançada no decorrer das dez edições, afirmando que se sentem mais bem preparados para organizar o Rock Sertão.

Ainda como estratégia para concorrer aos editais e também por perceberem em Glória uma carência de vida cultural, como eles a definem, fundaram a “Associação

²⁹ <http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/Regulamentacao-e-incentivo/lei-rouanet>

Cultural Sertão na Arte” que, além de, nas últimas edições, ser a responsável por realizar o Rock Sertão, também passou a desenvolver atividades culturais ao longo do ano na cidade como saraus de poesia, rodas de leitura, exibição de filmes nas escolas públicas da cidade e pequenos shows ou ensaios com a banda Fator Rh e alguma outra banda convidada.

As propostas do festival também começaram a se expandir, pois pretendeu agregar também outros tipos de arte, como o teatro, o audiovisual e a literatura como atividades correlacionadas. Sendo assim, a ampliação dos dias do festival se deveu ao fato de possibilitar a ocorrência de oficinas direcionadas aos alunos do ensino médio dos colégios municipais, além da realização de fóruns temáticos para discussões de assuntos ligados aos ideais do festival, como discussões sobre o mercado de festivais independentes, sobre a cena musical em Sergipe, dentre outras.

A partir dessas mudanças, os organizadores dizem que o festival passou a não ser mais só de música, englobando diversas manifestações artísticas. O início dessa nova perspectiva, implantada desde a 7ª edição, se deu por conta de um dos membros da organização ter ligação com o teatro e ter sugerido apresentações de peças de teatro na programação do evento, sendo realizadas no segundo dia de festival (9ª edição), no período da noite, na Praça do Coreto.

Essa nova proposta colocada pelos agentes de produção tem como discussão a busca da manutenção, divulgação e espaço para o que é chamado de cena independente. Essa cena é formada por grupos que produzem os mais diversos tipos de artes (música, audiovisual, teatro) e que não estão inseridos nas grandes mídias, estão longe do conhecimento massificado e são reconhecidos apenas por pequenos grupos de admiradores de seus trabalhos. Ou seja, é uma cena que só existe a partir do desempenho desses atores em fazer com que ela se mantenha, para que existam outras possibilidades de consumo cultural que não a que é amplamente divulgada pela mídia.

Imagem 10: Apresentação da Cia. Cobras e Lagartos – Ano 2011



Fonte: Acervo pesquisadora

A escolha das bandas também foi um processo que mudou com o passar das edições. Antes, apenas bandas convidadas pela organização do festival podiam tocar no mesmo. Entretanto, outras bandas demonstraram interesse em tocar no festival e faziam isto enviando fitas cassetes para as casas dos produtores, em Glória, mesmo sabendo que precisariam da aprovação dos mesmos. Desse modo, um dos organizadores teve a ideia de criar um portal³⁰, aberto quatro meses antes da data do festival, para que as bandas interessadas em fazer parte do Rock Sertão pudessem fazer um cadastro, com informações sobre seu estilo musical, suas influências na mídia e trajetórias. Também foi criada a possibilidade de que as bandas disponibilizassem suas músicas para serem acessadas *online*, sem a possibilidade do *download*, e essas músicas poderiam receber votos por internautas. As duas bandas mais votadas entrariam na programação.

A votação das bandas através do portal “Quero Tocar”, configurou-se também como uma estratégia de divulgação por parte dos organizadores. Isso se deve ao fato de as bandas cadastradas realizarem uma campanha nas redes sociais com o objetivo de pedir votos aos “amigos da rede”, o que dessa maneira gerou uma mídia espontânea da marca Rock Sertão e das datas de realização do festival. Além do que, os produtores

³⁰ <http://querotocar.rocksertao.com.br/>, acessado em maio e junho de 2012

passaram a justificar que colocam o poder de decisão ao público, o que tornaria o festival mais democrático³¹.

Segundo dados da organização, mais de 120 bandas se cadastraram na edição ocorrida no ano de 2011 e uma média de 190 na edição de 2012. Passado o período de inscrição, o material cadastrado passa para uma equipe escolhida pela produção, na qual fazem parte pessoas que possuem alguma ligação com a música no Estado de Sergipe para garantir uma ideia de credibilidade na curadoria, como o jornalista Adelman Barbosa³² e o músico Henrique Teles³³. Eles fazem uma triagem a partir dos critérios definidos pelos produtores: bandas oriundas da maior quantidade possível de municípios sergipanos possuem mais chances de produzir e de se apresentar, bem como as que abranjam vários estilos musicais dentro do rock considerado alternativo. A escolha de curadores que possuem visibilidade local por trabalharem com música, é uma estratégia que aciona a legitimação do processo da escolha das bandas.

No novo formato, a partir de 2012, a estrutura física do festival também teve mudanças. Nas primeiras edições os shows eram realizados num palco não muito grande e sem muita aparelhagem técnica, mas nos últimos anos passaram a ter uma melhor estrutura física. Com as edições, eles foram também buscando conhecimento e adquirindo experiência no que diz respeito à qualidade técnica para a ocorrência dos shows. Isso se deve a busca dos organizadores em entender melhor o funcionamento técnico da estrutura de palco. Começaram a entender a importância de “passar o som” antes do horário do show, em prol da pontualidade do evento, e também da contratação de pessoas especializadas na organização do palco, chamadas *roadies*, para dar assistência aos artistas, no que diz respeito aos seus instrumentos. As oficinas entram na programação do Rock Sertão a partir do primeiro dia de quatro dias do Rock Sertão, e a inscrição é gratuita. Os organizadores fecham parcerias com oficinas de diversas áreas ligadas às artes e divulgam as temáticas e quantidades de vagas nas escolas, diretamente com o público alvo que desejam atingir. As inscrições são feitas na própria cidade, na antiga sede dos escoteiros, que há dois anos funciona a sede do “Sertão na Arte”. As oficinas realizadas na 10ª edição contaram com diversas temáticas, entre elas:

³¹ Essa iniciativa foi elogiada por outros produtores de shows, como Paulo André do “Abril pro Rock”, que passou também a adotar esse sistema de votação do público para as bandas tocarem no evento.

³² Jornalista que apresenta um programa na rádio chamado “Programa de Rock”, além de escrever sobre o rock em Sergipe.

³³ Músico sergipano que atualmente é cantor numa banda chamada “Maria Escombona” e também é um fomentador de discussões acerca da produção independente local.

teatro de improvisação, audiovisual com foco em micrometragens, improvisação musical e fundamentos em lençol acrobático. Ao questioná-los sobre como eles avaliam essa mudança na programação, um dos organizadores diz que “a avaliação é extremamente positiva, porque além do caráter de entretenimento e de fomentar a cultura no município, o Rock Sertão passa a desempenhar também um papel social, na ausência do Estado, em efetivar políticas públicas culturais”. Este relato demonstra a tendência da juventude atual em protagonizar suas ações, em serem os sujeitos que interveem no contexto social em que estão inseridos, a fim de resolverem problemas em que eles mesmos identificam como sendo parte de seus cotidianos.

O espaço para realização dos Fóruns de Discussão foi outra mudança ocorrida no Rock Sertão. O Fórum ocorre na Câmara de Vereadores de Nossa Senhora da Glória, no sábado, à tarde. Esses fóruns visam à discussão de temas como a produção independente, música sergipana, festivais e tudo que diz respeito à cena cultural do Estado. Num desses debates, um dos convidados era o então organizador do Abril pro Rock (realizado em Recife-PE, desde o ano de 1993), Paulo André, que possui bastante experiência no que diz respeito à chamada cena independente e compareceu ao festival para conhecer, expor e compartilhar suas impressões sobre o evento e trocar informações. Nessa ocasião, estavam também presentes na discussão produtores culturais de várias regiões de Sergipe, como por exemplo, membros do “Virote Coletivo³⁴” e do “Coletivo Junta Tudo³⁵”, demonstrando a atuação dos produtores do festival a uma ampla rede de jovens produtores independentes.

Para os produtores do Rock Sertão, o festival também foi se tornando um espaço “multicultural”, pois passou de um festival que comportava apenas bandas de rock para depois agregar outros estilos dentro do rock, como bandas que misturam forró e rock ou bandas que tocam música instrumental. Podem não ser classificadas propriamente como rock, mas de acordo com eles “tem uma atitude rock”.

³⁴ Atrelado ao coletivo nacional Fora do Eixo, que tem como objetivo criar meios para que os festivais aconteçam, para acesso e aceitação do festival.

³⁵ Começou em Lagarto nos anos 90, ficou um tempo sem atividades e voltou em 2006 com os membros residentes na cidade de Simão Dias.

3.2 O consumo/consumidores

A intenção dos produtores com a criação do festival foi expandir a quantidade de apreciadores da música rock em Nossa Senhora da Glória e nos municípios vizinhos. Por questões históricas e culturais já discutidas anteriormente, o rock é um estilo de música que está atrelado a história da cultura juvenil. Nesse sentido, a maior parte de pessoas que o consomem e o produzem são formadas por jovens, não excluindo outros grupos etários, obviamente, mas tendo a juventude como um público consumidor predominante.

No caso do público do Rock Sertão não é diferente, a maioria dos que se fazem presentes nos dias dos shows são jovens que veem no festival o momento de assistir as bandas que lhe agradam, de estar em contato com novas sonoridades, de encontrar pessoas que partilham de mesmos gostos, de imprimir uma identificação coletiva através de roupas e acessórios, do uso de camisetas de bandas ou de uma determinada cor, exibindo sinais de pertencimento a dado grupo.

No ambiente do show, é possível perceber diversos tipos de grupos que se distinguem através de seu visual e apreciação por este ou aquele tipo de banda que nele se apresenta. É evidente a fragmentação de tribos presentes no evento, inclusive a partir dos diferentes espaços físicos que eles ocupam na praça em que ocorre o festival. Os que estão “batendo cabeça”, os chamados metaleiros, estão sempre mais à frente, perto do palco e manifestam mais expressões corporais com movimentos mais constantes e velozes. Os que apreciam as bandas mais de longe do palco, como se a música fosse um pano de fundo para o encontro e o bate-papo com os amigos, sempre regado a muita bebida, geralmente a cerveja, que difere dos metaleiros, apreciadores de vinho. Além dessas pessoas mais envolvidas com os shows, comparecem também ao festival pessoas com a idade mais avançada, que em um número menor e mesmo não permanecendo por muitas horas, vão observar um evento tão distinto das outras atividades culturais da cidade.

A partir de alguns questionários aplicados³⁶ ao público do festival no ano de 2011, 9ª edição do festival, pude constatar, no que diz respeito à faixa etária, que esta variava entre 18-39 anos, demonstrando novos participantes do festival e também participantes

³⁶ Total de 21 questionários com perguntas abertas e fechadas.

mais velhos que acompanharam o evento ao longo de suas dez edições. Muitos desses consumidores mais velhos estavam acompanhados de seus filhos pequenos, numa espécie de transmissão geracional de um gosto musical.

Através dos questionários, constatei que 71% dos entrevistados participaram das edições anteriores, o que demonstra certa fidelidade e prestígio do público na participação do festival, sendo que 26% desse grupo disseram estarem presentes em todas as nove edições do festival, e apenas 28% dos entrevistados revelaram que estavam participando pela primeira vez. As motivações mais recorrentes citadas por esses frequentadores para comparecerem ao Rock Sertão foram: gostar de rock e ver “a galera” que “curte” esse estilo; conhecer novas bandas; participar de um festival onde podem se expressar; por ser um festival diferente e de grande estrutura dentro do sertão. O momento do festival significa para esses jovens, o momento em que se é possível encontrar com pessoas e entrar em contato com um estilo de vida aproximadamente característico. Percebe-se aí um modo de orientação no âmbito da vida cotidiana que está ligado ao consumo de bens imateriais de valor simbólico, evidenciando diferenciações entre as pessoas (FEATHERSTONE, 1995).

as pessoas usam as mercadorias de forma a criar vínculos ou estabelecer distinções sociais. Há a questão dos prazeres emocionais do consumo, os sonhos e desejos celebrados no imaginário cultural consumista e em locais específicos de consumo que produzem diversos tipos de excitação física e prazeres estéticos. (FEATHERSTONE, 1995, p. 31)

Tal celebração ocorre durante o festival, quando se exaltam os prazeres de ouvir, dançar, beber e conversar sobre rock. O público presente no festival é predominantemente masculino, pois, 67% das pessoas entrevistadas eram homens. Esse dado demonstra o quanto a produção e o consumo desse estilo está tradicionalmente ligado ao campo masculino, em que se tem poucas mulheres tanto em cima do palco quando na plateia. Minha presença enquanto pesquisadora causava um pouco de estranheza para alguns grupos, formados por rapazes mais novos, que talvez por não entenderem ao certo do que se tratava, confundiam a pesquisa com oportunidade para flertes.

Mesmo com gostos diversos dentro dos subgêneros do rock, as pessoas presentes convivem de forma harmoniosa, não existindo nenhum tipo de hostilidade escancarada

por distinções de estilo musical. O que acontece são manifestações do público de acordo com as bandas que estão se apresentando no momento. Os que agradam o gosto da maioria dos presentes seja por estilo ou por desempenho no palco, acabam instigando as pessoas a se deslocarem para mais perto do palco e participarem do show com aplausos, com danças ou até mesmo cantando as canções executadas.

A cor mais utilizada entre os participantes são as roupas pretas. Essa relação com a vestimenta também é algo característico dos grupos consumidores de música, gerando certa visibilidade aos estilos escolhidos pelos grupos sociais (ABRAMO, 1994). As utilizações das roupas pretas conotam a opção por um estilo de vida e são elementos simbólicos de uma demarcação, além da expressão de um gosto. Concordo com a análise feita por Abramo (1994) sobre a importância das vestimentas para os jovens:

Um deles é que a preocupação com a própria imagem assume um significado todo particular nesse momento da vida, motivada pela transformação recente do próprio corpo, e com atenção exagerada que o adolescente acaba voltando para si mesmo. A busca de exibir sinais seguros e visíveis de pertencimento a um determinado grupo faz parte do processo de definição de identidade característico dessa fase. (ABRAMO, 1994, p. 71)

A música significa uma forte referência de lazer e diferenciação indetitária para esses frequentadores do Rock Sertão. Ao vivenciarem o momento do festival, eles estão estabelecendo uma rede de sociabilidade e trocas culturais importantes. Conforme afirma Pais (2003), o estilo musical *rock* cumpre bem a função de integração geracional das culturas juvenis como polo cultural que agrega diversas sociabilidades das populações juvenis, a partir de bens culturais dispostos em público como gostos musicais, danças, vestuários, adereços e gestualidades corporais.

É no momento do festival que esses jovens se encontram, mantêm e criam novas relações de sociabilidade. No entanto, através das redes sociais na internet, também é possível acompanhar uma movimentação desses frequentadores aos momentos que antecedem o Rock Sertão. Isso se dá pelo fato de eles participarem ativamente da página do festival presente no Facebook, dando sugestões de quais bandas eles gostariam que tocassem no evento, como também confirmando presença no festival, marcando encontros com outras pessoas que poderiam ter interesse em ir, organizando caravanas

que saíssem de diversas cidades do estado e até arriscando uma carona com quem tivesse disponibilidade. Os espaços virtuais também são espaços privilegiados em que é possível perceber as manifestações desses consumidores em relação às expectativas quanto ao festival e à troca de informações entre pessoas que compartilham um mesmo interesse.

As bandas que se apresentam no festival representam um dos motivos pelos quais o público consome o evento. Essas bandas podem ser classificadas em diversos tipos de subgêneros dentro do rock (metal, hardcore, indie, instrumental, hard rock), e mesmo assim compartilhar o mesmo palco sem nenhum tipo de divergência, dando uma entonação musicalmente diversificada ao festival. Elas produzem suas próprias músicas, algumas delas possuindo CD's gravados autonomamente e aproveitando do momento do festival para atingir o público consumidor através das vendas dos CD's e também de outros artigos, como camisetas e adesivos.

A *lineup*³⁷ do festival também tem uma peculiaridade no que diz respeito a origem das bandas, e o município em que elas foram formadas, já que um dos requisitos colocados pela organização é que as bandas sejam provenientes do maior número possível de municípios sergipanos, a fim de fomentar a divulgação e consumo dos diversos estilos de bandas que existem no estado. Também existe a apresentação de bandas de outros estados, mas em menor número quando comparada à quantidade de bandas de Sergipe a tocarem no festival.

Em conversa com alguns integrantes das bandas que já tocaram no festival, pude observar que todos possuem o discurso de pertencerem à cena independente do estado e compartilham da proposta do festival de ser um espaço para dar visibilidade a esse tipo de banda, assim como também é este o entendimento do público do festival.

A partir de conversas com alguns dos músicos das bandas que se apresentaram na 9ª edição do festival obtive alguns depoimentos sobre a importância de tocar num festival nos moldes do Rock Sertão. Eles colocaram que a principal motivação diz respeito à necessidade das bandas em ter disponível um espaço para divulgarem seus trabalhos autorais e podem lançar seus CD's, por exemplo. Além disso, segundo eles, estariam contribuindo para a formação e fortalecimento de uma cena independente de

³⁷ Chama-se Lineup a programação de um evento. Os festivais (de rock geralmente) costumam utilizar esse termo.

música no Estado, já que para as bandas, o festival é o único representante de música diversa e alternativa. Os depoimentos dos músicos das bandas demonstram uma preocupação com a questão de onde e como divulgar a produção desses trabalhos, de modo que abranja o um maior público consumidor possível, mas adepto do estilo.

Nas narrativas das bandas percebe-se a importância dada ao festival no cenário da música independente, como no caso de algumas bandas de outros estados que já se apresentaram no festival, como a “Ladrão” (RJ), “Rose and Me” (PR), “Mopho” (AL), “Vendo 147” (BA), “Autopse” (AL), que têm a oportunidade de mais um espaço para dar visibilidade e credibilidade a suas bandas e suas produções autorais, visto que o show é o momento ápice em que o músico tem contato com seu público consumidor, e o Rock Sertão, um festival que se tornou prestigiado na cena independente.

É no palco que as bandas expressam sua postura musical, através das maneiras de se portar no palco, da disposição dos músicos, da vestimenta dos integrantes e dos movimentos corporais que indicam a que subgênero do rock elas estão inseridas. Também é o momento em que podem receber o *feedback* do trabalho que realizam, além de poder interagir com o público, que muitas vezes passa a apreciar uma banda depois de vê-la atuando nos shows, sua interação com o público e atuação no palco. Observando as apresentações das bandas no Rock Sertão, percebi diversos vocalistas descendo do palco e indo cantar junto à plateia ou dando um *mosh*³⁸, o que são formas de atuação recebidas efusivamente pelo público.

Além da execução de suas músicas, algumas das bandas utilizam de recursos do audiovisual ou outros recursos técnicos. A banda aracajuana “Nucleador”, por exemplo, utilizou no seu show, realizado na 9ª edição, a exibição de cenas de filmes clássicos de terror, nos quais apareciam muito sangue e perseguições, dada a relação com a proposta da banda de influência do estilo *trash crossover*³⁹, em que as letras de suas músicas falam de contos de terror. Já a “Fator RH” exibiu fotos em que o cenário era o sertão e caatinga, representando o local de origem do grupo. Como afirma o vocalista da banda, “as fotos são do nosso contexto, da nossa vertente política e muitas das nossas músicas são influenciadas pelo nosso cotidiano”. A banda aracajuana “Bad Snake”, que tem uma

³⁸ O mosh é o momento dos shows de rock em que algum integrante da banda ou do público pula do palco em direção a um amontoado de gente que se prepara para amortecer o salto, evitando que ela se machuque ao cair no chão. No entanto, nem sempre é possível garantir tal feito.

³⁹ Estilo de música surgido nos anos 80, época esta que se tornou muito popular filmes trash, horror, como temáticas sobre zumbis e serial killers.

proposta musical na linha do Hard Rock, apresentou-se com dançarinas com roupas sensuais, promovendo um show à parte com muito rebolado, jogadas de cabelo e envio de beijos para a plateia. Uma das dançarinas expôs: “vivemos o estilo hard rock de ser, vivemos isso no dia a dia, o hard rock não é só um estilo de música, é um estilo de vida”.

Mesmo não havendo a certeza de receberem cachês, já que isso dependeria da verba que a produção conseguisse captar para a realização do evento, as bandas sentem-se motivadas a participarem do festival em prol do lazer e da satisfação de expressar um estilo de vida em que a atividade se justifica por ela mesma, no qual a música não predomina como atividade remunerada considerável. A maioria das bandas que toca no festival não sobrevive da música.

Imagem 11: Interação das bandas com o público – Ano 2011



Fonte: Acervo produtores

Imagem 12: Envolvimento do público com a banda – Ano 2011



Foto: Acervo dos produtores do Rock Sertão

3.3 Espaço/tempo do estilo

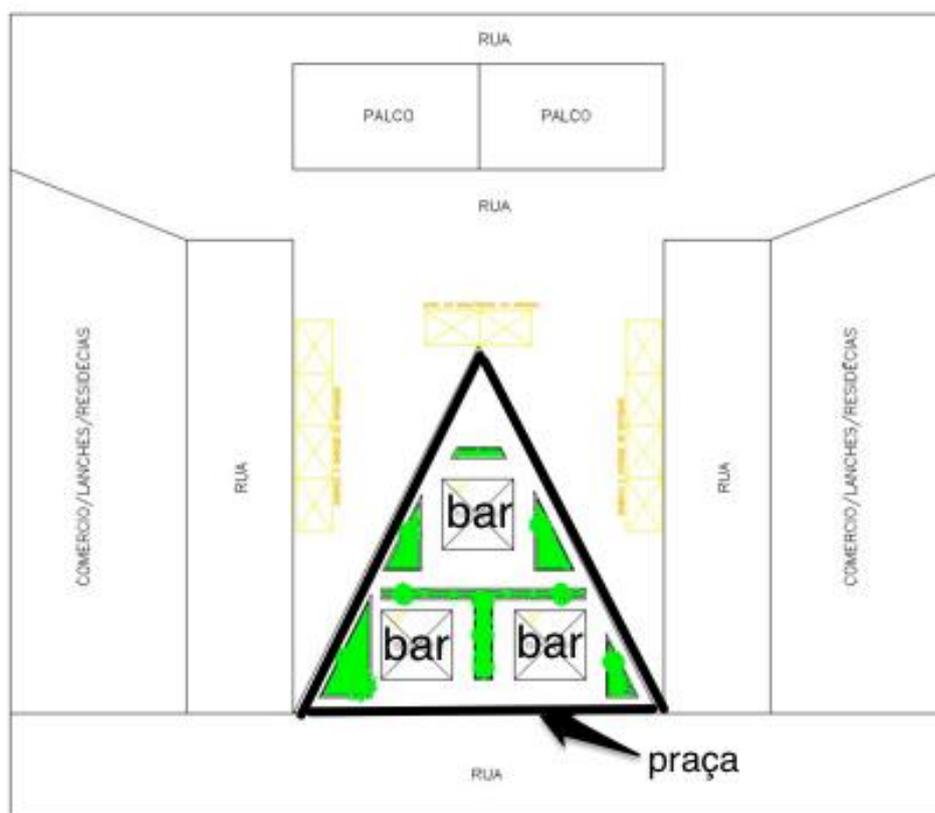
O festival Rock Sertão, desde sua primeira edição, tem a Praça Antônio Alves de Oliveira, localizada no centro de Nossa Senhora da Glória, como o local estrategicamente escolhido para serem ouvidos e se firmarem enquanto produtores culturais no município. Como eles mesmos afirmam “está todo mundo na praça, então, vão ter que nos ouvir, gostando ou não”.

Nessa praça também ocorrem a maioria dos eventos de entretenimento do município, principalmente aqueles ligados a festas organizadas pela prefeitura. Como espaço legítimo e localizado num ponto central da cidade, serve como palco para os acontecimentos políticos, econômicos e culturais que ocorrem por lá.

A Praça Antônio Alves de Oliveira é cercada pelo comércio local que, nessa região, é basicamente composto por lojas de roupas, presença de alguns bares e lanchonetes. Na sua proximidade também se encontram bancos, o mercado central, algumas pousadas, supermercados e a praça do coreto. Aos domingos, as ruas que a cercam ficam lotadas de barracas da feira municipal.

Pela noite, durante o festival, no horário dos shows, o comércio local fecha suas portas, permanecendo abertas apenas as lanchonetes e três bares. A mesa de som também ocupa espaço perto da praça, assim como barracas ambulantes vendendo bebidas. Observemos a planta da praça em dias de show:

Imagem 13: Planta baixa da Praça Antônio Alves de Oliveira nos dias de show



Fonte: Designer de interiores: Vívian Madureira

O uso da praça central como espaço escolhido pelos produtores para realizar o festival chama a atenção para outra utilização da mesma, demarcando essa diferenciação no seu uso, que comumente é associado a festas que abarcam estilos musicais diferentes do rock. É nesse uso da praça que é fortalecida a caracterização de um estilo, através da visibilidade da mesma como símbolo de lazer na cidade que com o Rock Sertão, ganhou novos sentidos, subvertendo a lógica de produção cultural associada à região.

Nos dias de show, a praça principal de Nossa Senhora da Glória ganha visibilidade como mais uma opção de lazer dentro da cidade. Este lazer que não está

mais vinculado ao universo do trabalho (MAGNANI, 1994), pode ser entendido como o aproveitamento, principalmente pelos jovens, do uso da praça enquanto espaço de sociabilidade e momento de encontro de pessoas que compartilham o mesmo gosto musical. A Praça, durante o festival, torna-se um local de encontro, troca e reconhecimento (MAGNANI, 1993) da juventude relacionada com o estilo do rock. Para Abramo (1994), é no espaço do lazer e nas atividades ligadas à diversão e ao consumo cultural que poderemos ver surgir modos de expressão dessas *condições juvenis*, das quais fazem parte as críticas ao modo de vida estabelecida.

O fato de o festival ser gratuito representa também uma apropriação do espaço público como uma opção de resgatar as possibilidades de que os eventos culturais sejam acessíveis. Como diz um dos organizadores: “ter o que fazer em Glória”. A partir disso, não são só os que compartilham do estilo do festival que comparecem na praça, mas também podem ser percebidas pessoas que circulam com o intuito de observar o que acontece, e ver a movimentação da cidade e das pessoas que vêm de fora. Elas geralmente ficam afastadas do local onde quem vai curtir o show costuma se situar, que é mais próximo do palco. Ficam consumindo bebidas e escutando outros tipos de músicas no bar mais distante do palco, sem interferir na dinâmica do festival. A praça enquanto “pedaço”, durante os dias do festival, ou seja, enquanto espaço que se torna ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações (MAGNANI, 1996, p.13), comporta sociabilidades entre aqueles de dentro e também entre os “de fora” daquele espaço de socialização.

O “pedaço” se constitui uma importante categoria de discussão sobre o lazer que ocorre na praça em dias de show, pois esses jovens frequentadores do festival comparecem em grupos, mostrando que nesse ambiente são acionadas possibilidades de construções de sociabilidades e de estilos de vida, mesmo que temporariamente ocupando o espaço público. A praça, então, configura-se enquanto ponto de encontro de diversão diante do incipiente cenário cultural da cidade, transformando em espaço do rock e da juventude durante os dias do festival.

Apesar desse determinado uso da praça ocorrer uma vez por ano, ele cria uma expectativa entre os jovens locais e das regiões vizinhas que se manifestam, principalmente nas redes sociais e em depoimentos expostos no programa de rádio Rock Sertão, ansiosos pela data do evento e sua respectiva programação cultural,

demonstrando carência nas atividades de lazer e ao mesmo tempo também a importância simbólica desse festival para a localidade. Com o passar das edições e a visibilidade local, os shows do Rock Sertão na Praça Antônio Alves de Oliveira já estão sendo comparados aos shows de outros estilos musicais que ocorrem em outras ocasiões por intermédio da prefeitura, surgindo comentários como “se o Rock Sertão, feito pelos meninos da cidade pode ter uma estrutura de dois palcos, por que os eventos da prefeitura também não podem?”.

Na fala dos produtores do evento, quando questionados sobre o momento ápice do festival, a praça foi justificada como parâmetro para marcar a realização de um momento importante de reconhecimento físico do festival, como na afirmação “quando chega o palco, mais ou menos na quarta-feira e ele começa a ser montado”, é uma forma palpável de demonstrar que o festival tem a estrutura para acontecer. É através do cenário montado em praça pública que os jovens ocupam o território e a centralidade que ele significa para a sociedade da cidade e da região.

Os bares existentes na Praça Antônio Alves de Oliveira ficam lotados durante os dias de shows. Como possuem algumas mesas e cadeiras, as pessoas optam por assistirem aos shows sentados, e visualizam o festival de lá mesmo. No entanto, percebi através das vestimentas e dos modos de agir diante do show, bem como da circulação de pessoas de diversos estilos por lá que existe uma diferença em relação às pessoas que ficam nos bares, já que o bar que fica mais próximo do palco, chamado de “Quiosque Branco”, é ocupado por pessoas que possuem interesse direto no estilo musical que está sendo apresentado no momento do festival.

Os dois bares que se localizavam mais ao fundo da praça, não permitiam boa visibilidade do palco e eram ocupados por pessoas que estavam ali para observar, sair de casa e ou ir a uma festa. Percebi que a interação das pessoas com o show era menor, não importando as apresentações em si, mas também sem criar nenhuma situação de hostilidade perante o evento. É como se quisessem ver o incomum, o exótico, pessoas que parecem diferentes por gostarem de rock e terem um visual relacionado com tatuagens, *piercings* ou cabelos compridos. O festival atrai, então, pessoas de diversos gostos e estilos, sendo mais importante, para alguns, a movimentação social da cidade que o evento. É notório, desse modo, que o festival pode proporcionar para além da música, o encontro e o lazer.

Além disso, nos dias de festival, a Praça Antônio Alves de Oliveira também movimentava o comércio local. Algumas pessoas montam barracas de bebidas, lanchonetes, bancas de doces ou vendem cerveja de maneira ambulante. Determinados estabelecimentos que oferecem lanche e que estão situados na Praça permanecem abertos até o término dos shows, vendendo lanches para as pessoas que circulam no evento. Os comerciantes locais relatam que ficam muito animados com o festival, porque é uma maneira de eles lucrarem. Um deles relata que “nós que vivemos de comércio, ficamos felizes quando tem festa, porque podemos vender nossas coisas”.

Imagem 14: A praça e os dias de show – Ano 2011



Fonte: Acervo pesquisadora

Imagem 15: Praça e os dias de show – Ano 2011



Fonte: Acervo pesquisadora

Imagem 16: Praça e dias de show – Ano 2011



Fonte: Acervo pesquisadora

Imagem 17: Praça e os dias de show – Ano 2011



Fonte: Acervo da pesquisadora.

A estrutura de circulação e uso da Praça é alterada nos dias que ocorre o festival. O palco montado para os shows transforma o trânsito local, que passa a ficar mais lento, e, além disso, a fim de melhorar a estrutura do evento também são colocados banheiros químicos no horário do show. Através da parceria com uma loja que trabalha com internet, durante todo o evento, em Glória, as pessoas podiam acessar a rede gratuitamente e compartilhar fotos na página do Rock Sertão, fazer comentários em tempo real no *twitter* e acessar as redes sociais para movimentar a página do festival.

Na última edição, percebi que alguns músicos que se apresentavam, paravam para elogiar e agradecer a existência do Rock Sertão durante o show, reforçando que ele era o único no estado que divulgava as bandas do interior, como também comentando sobre a importância da existência desse tipo de evento, que dá apoio às bandas independentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens envolvidos na produção do festival de música independente Rock Sertão fomentam a cultura local. Partiu dos organizadores tornar real um espaço destinado às bandas independentes ligadas ao rock, a partir de uma necessidade justificada por eles: fazer parte de uma banda de rock e não ter onde se apresentar. Como o show se torna parte importante para a sobrevivência de uma banda, eles decidiram, motivados pelo jargão do *punk rock* “faça você mesmo”, tomar frente dessa iniciativa organizando um festival de rock num cenário não favorável a esse estilo musical, podendo assim, se apresentarem e socializarem com outros grupos suas experiências e gostos.

Como pode ser observado ao longo do trabalho, esses jovens foram sociabilizados no sertão sergipano e mesmo com ideais musicais já estabelecidos na cidade, encontraram na música rock uma identificação atrelada ao modo de ser, pensar e se comportar presente nesse estilo. A partir disso, tornaram-se questionadores da produção cultural vigente assim como fomentadores de um tipo de produção cultural que veio se firmando ao longo das edições do evento. Desse modo, foram ganhando a atenção de diferentes grupos etários para as motivações do festival, tendo na juventude seu público predominante, que tem no instante do Rock Sertão seu momento de sociabilidade e encontro com pessoas que compartilham o mesmo gosto musical. Atingindo uma carga simbólica importante, o evento é esperado por várias pessoas, dentre elas: os músicos das bandas independentes do estado, os jovens que curtem rock, os comerciantes locais e os moradores de Glória, em geral.

Para realizar a produção do Rock Sertão eles se articulam diante das possibilidades disponíveis, acreditando que a cada edição atinge uma maturidade na profissionalização dessa organização, no que concerne ao trato no diálogo com os patrocinadores, desenvolvimento de projetos de captação de recursos ao longo do ano, que se somam aos ideais do Rock Sertão, e à ampliação das atividades dentro do período do festival. No entanto, eles não dispõem de recursos seguros para atingirem uma independência financeira para a realização do evento, ficando a mercê de possíveis aprovações em editais que surgem no percurso da pré-produção de patrocínios que não investem de modo significativo no festival e dos órgãos governamentais e municipais,

ao quais nem sempre estão dispostos a apoiá-los. Nesse sentido, o festival é instável no que diz respeito à gestão financeira, pois depende de diversos fatores externos aos organizadores para sua concretização. Através de dados obtidos junto à produção, o festival já foi realizado com uma verba de R\$50.000, de R\$60.000 e em outras edições com uma verba de R\$6.500 causando uma discrepância em termos de recursos disponíveis para estrutura, para contratação de serviços e também para o pagamento ou não das bandas que se apresentaram.

Apesar das dificuldades encontradas para promover o evento, os organizadores não enxergam isso como um retrocesso, mas sim como o possível para aquele ano. Eles dizem que o importante é o festival acontecer e movimentar a cena cultural da cidade e do estado. Para eles, a cena é formada por bandas locais que trabalham de forma independente, sem grandes recursos e espaço para apresentações e que são conhecidas por um pequeno grupo de apreciadores. O acontecimento do festival é dotado de uma carga simbólica para seus produtores, que veem nele a manifestação e propagação de um estilo, soando como uma realização pessoal, no momento em que podem se apresentar com sua banda e usufruir da interação com outras bandas que tocam lá.

Segundo os produtores, o festival Rock Sertão acontece para que as bandas alternativas tenham espaço para divulgar seus trabalhos. Essas bandas têm como características poucos recursos econômicos, e, muitas vezes, fazem música por prazer e não por dinheiro, contando apenas com sua iniciativa e recursos financeiros próprios para realizarem suas gravações para divulgação e seus respectivos shows. Essas bandas frequentemente passam por dificuldades para a concretização de seus objetivos e, às vezes, assinam contrato com gravadoras que também se intitulam independentes, por seguirem essa mesma ideia de trajetória de oposição à comercialização massificada da música. Elas são reconhecidas como marginais, que estão fora do cenário da indústria de larga escala e autoproclamadas como *undergrounds*. As bandas independentes contestam o cenário hegemônico da produção cultural e procuram se inserir numa circulação de produção artística alternativa ao consumo hegemônico na região.

Para os produtores, o Rock Sertão possui pouca visibilidade no cenário nacional, mas penetrou num circuito que lhes interessa que é o espaço no calendário dos festivais independentes. O festival é o único evento periódico de rock independente, conhecido na capital e no interior. Para a cidade de Nossa Senhora da Glória, o evento estimula a

formação de bandas de rock local além de movimentar culturalmente a cidade, sendo o único evento que proporciona outro tipo de música diferente da que é difundida localmente. O comércio local também é favorecido através das hospedagens nas pousadas, consumo de bebidas e comidas nas lanchonetes e até as lojas de roupa modificam suas vitrines em função do festival, colocando os manequins com roupas pretas, tênis, simulando um visual adotado pelos roqueiros.

A perspectiva do cenário cultural em Sergipe em relação aos festivais de música independente é embrionária. Existiram outras tentativas de produtores locais de consolidar eventos na Capital, que tinham o rock e seus subgêneros como privilegiados, no entanto, eles não conseguiram se firmar, e mesmo cobrando ingressos acabaram em poucas edições. Em contrapartida, o Rock Sertão existe há dez edições, acontece em espaço público, e influencia outras iniciativas em municípios do interior. O que parece sustentar o festival é a persistência dos organizadores em movimentar a vida musical do município, além de ele ter alcançado ao longo dos anos um público fiel que prestigia e o reconhece como importante e único nesse formato. As bandas independentes, hoje existentes no estado dizem sentir a necessidade de demonstrar suas músicas em espaços como o do Rock Sertão.

O estilo de vida da juventude frequentadora do Rock Sertão é marcado pela distinção social, do ser ou fazer diferente daquilo que é comumente consumido pelas pessoas que residem no município. O consumo da música rock envolve um conjunto de hábitos e orientações, já que está atrelado a outras práticas como o vestuário específico, um jeito de se portar, de cantar e de dançar. O Rock Sertão é considerado, então, uma referência para os jovens que veem nele um momento de partilhar gostos musicais específicos, afirmando seus estilos de vida, através de certas expressividades exacerbadas durante o festival.

Através da união de um grupo de jovens produtores culturais foi construído um evento que traduz uma sociabilidade entre os jovens da região e a conquista de um espaço de lazer em meio a eventos culturais previamente estabelecidos. Fortaleceu-se aí, a construção e a manifestação de uma identidade distintiva, no qual eles definem sua visão de mundo e a difundem.

Apesar desses jovens não estarem dentro do contexto da lógica cultural da cidade de origem, eles buscam, através das estratégias elencadas no decorrer deste

trabalho, alcançar seus objetivos no que diz respeito às mudanças no perfil cultural local. A postura desses agentes culturais demonstra a capacidade de eles projetarem e construir, através de uma ação criativa, pois não dispõem de mecanismos e verbas fixas para atuarem na organização do Rock Sertão. Além disso, os produtores do festival, que são detentores de um grau de escolaridade de nível superior, possibilitam um melhor entendimento no trato com os elementos necessários para produção do evento, seja na realização de cursos ou em informações obtidas através de pesquisas pela internet.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. Editora Página Aberta, 1ª edição: setembro, 1994.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Teorema, 2004.
- BANNET, Andy and KAHN-HARRIS, Keith. *After Subculture: critical studies in contemporary youth culture*. Editado por Andy Bennet and Keith Kahn-Harris, 2004.
- BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BRANDÃO, Antonio Carlos e DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos culturais da juventude*. São Paulo: Moderna, Coleção Polêmica, 1990.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- _____. El consumo cultural: una propuesta teórica. In: SUNKEL, Guillermo. *El consumo cultural em America Latina*. Santa Fe de Bogotá: Andrés Bello, 1999.
- _____. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EdUSP, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CHACON, Paulo. *O que é rock?* Coleção primeiros passos, São Paulo: 3ª Ed. Editora Brasiliense, 1995.
- CHAVES DIAS, Valton Neto. *O Consumo de música regional como mediador da identidade*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Maria, 2008.
- CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock, nos passos da moda: mídia, consumo X mercado*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

DI MARCO, Augusto. Rock: Universo Simbolico y Fenomeno Social. In.: *La cultura de La noche: La vida nocturna de los jóvenes em Buenos Aires*. 1ª a 3ª reimpr. Buenos Aires: Biblos, 2005.

DOUGLAS, Mary. e ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Tradução: Plínio Dentzien. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DURHAN, Deborah. *Los jóvenes y la imaginación social en África: Introducción*. Cuadernos de Antropología Social Nº 33, pp. 53–69, 2011.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-modernismo*. Tradução: Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, Carlos. *De Jóvenes, Bandas y Tribus: antropologia de La juventud*. Editora Arie, S.A. Barcelona, 1999.

FERNANDES, Fernanda Marques & FREIRE FILHO, João. "Jovens, espaço urbano e identidade: reflexões sobre o conceito de cena musical". XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, UERJ, 5 a 9 de set.2005.

FREIRE FILHO, João. *Mídia, Consumo cultural e estilo de vida na pós-modernidade*. Revista ECO-PÓS, Rio de Janeiro, vol. 6, nº1, p. 72 a 97, 2003.

_____. *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

_____. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GROPPO, Luis Antonio. *O rock e a formação de mercado de consumo cultural juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80*. Campinas, SP, 1996.

HALL, Stuart & JEFFERSON, Tony (orgs.). *Resistance through rituals; youth subcultures in post-war Britain*. London, Hutchinson and Co, CCCS. University of Birmingham, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London: Methuen & Co, 1979.

HERSCHMANN, Micael. Alguns apontamentos sobre a reestruturação da indústria da música. In: FREIRE FILHO, J. e HERSCHMANN, M. *Novos rumos da cultura da mídia: indústrias, produtos e audiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

HOBSBAWN, Eric and RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Paz e Terra, 2002.

MAFESSOLI, Michel. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo na sociedade de massa*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

JANOTTI JR., Jeder Silveira; LIMA, Tatiana Rodrigues; PIRES, Vitor de Almeida Nobre (Orgs.). Entre os afetos e os mercados culturais: as cenas musicais como formas de mediatização dos consumos musicais. In: *Dez anos a mil: Música Popular Massiva em Tempos de Internet*. Porto Alegre: Simplíssimo, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os circuitos dos jovens urbanos*. Revista de Sociologia da USP, Tempo Social, v.17, nº2, p. 173-205, novembro, 2005.

_____. *O lazer na cidade*. Texto apresentado ao Condephaat para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo. São Paulo, 4 de julho de 1994.

_____. A rua e a evolução da sociabilidade. *Cadernos de História de São Paulo* 2, jan/dez 1993, Museu Paulista- USP.

_____ & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana*. EDUSP, São Paulo, 1996.

MARCON, Fernanda. O primeiro lugar vai para...: por uma abordagem antropológica sobre festivais de músicas e gêneros musicais. In *Antropologia em Primeira mão*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2011.

MARCON, Frank. *Diálogos Transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola*. Letras Contemporâneas: Florianópolis, 2005.

_____. *O Kuduro - Estilos de Vida e os Usos da Internet pela Juventude do Tempo Presente*. Cadernos do Tempo Presente. Edição nº 07, Abril de 2012.

MÁRTIN – BARBERO, Jesus. *De los médios a las mediaciones: Comunicacion, cultura y hegemonía*. Ciudad de México: Gustavo Gili, 1987.

_____. *Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens* IN *Cultura Juvenis no século XXI*. Borelli, Silvia H. S; Freire Filho, João (Org.). São Paulo: EDUC, 2008.

MILLER, Daniel. *Consumo Como Cultura Material*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. (orgs.). *Reunião Brasileira de Antropologia (2ª.: Goiânia: 2006): conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007a, p.45-80.

_____. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia;FRY, Peter Henry. (orgs.). *Reunião Brasileira de Antropologia (2ª.: Goiânia: 2006): conferências e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007b, p. 19-44.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude: alguns contributos*. Análise Social, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), 139-165.

_____. *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 2ª edição, 2003.

RIBEIRO, Hugo. *Dinâmica das Identidades: Análise estilística e contextual de três bandas de metal da cena rock underground de Aracaju*. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Salvador, UFBA,2007.

ROCHA, Everardo. *Magia e Capitalismo: um estudo antropológico da publicidade*. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROCHEDO, Aline do Carmo. *Os filhos da revolução. A juventude urbana e o rock brasileiro nos anos 80*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Fluminense, 2011.

SIMÕES, José Alberto de Vasconcelos; NUNES, Pedro Belchior e CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. Entre subculturas e neotribos: proposta de análises dos circuitos culturais juvenis. O caso da música rap e do hip-hop em Portugal. *Fórum Sociológico*, nº13/14, 2005, p.p171-189.

TAVARES, Paula Maria Guerra. *A instável leveza do rock: Gênese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal*. Vol. 1, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.

THOMPSON, Jonh B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 9ª Ed. – Petrópolis – RJ: Vozes, 2008.

O Rock Sergipano: esse ilustre desconhecido. (20min). Dirigido por Werden Tavares, 2005.

Music from Sergipe. Dirigido por Werden Tavares, Promovido pela Fundação Aperipê, 2010.

ANEXO 01

Roteiro de entrevista com os organizadores do festival:

1. Onde seus pais nasceram? E você?
2. Onde e como se deram suas relações sociais na sua infância e adolescência?
3. Qual a sua idade?
4. Estuda? Que curso?
5. Tem alguma outra atividade?
6. Onde você reside?
7. Fale um pouco do seu gosto musical (o que você ouve, como você se relaciona com a música de forma geral?)
8. Como surgiu a ideia do evento? Onde surgiu? Em que momento? Quem estava presente e qual eram os objetivos iniciais da ideia?
9. Por que a escolha de Nossa Senhora da Glória?
10. Por que Rock Sertão?
11. Como e quando conheceu os outros membros da organização do Rock Sertão?
12. Qual o seu papel no evento?
13. O que o Rock Sertão significa pra você?
14. Como o evento é montado em termos de estrutura da programação? Qual a ideia de concepção desta proposta?
15. Como o evento é montado em termos de estrutura física? Qual a ideia de concepção desta proposta?
16. Qual o momento ápice do evento?
17. O festival sofreu transformações ao longo de suas edições? Se sim, quais e como você avalia?
18. O que acha do papel da mídia em relação ao festival?
19. Quem são os principais parceiros do evento e por quê?
20. Vocês encontram alguma dificuldade nas parcerias?

21. Quais as expectativas de todo ano sobre o público quem vem ao evento (grupo etário, gosto e estilo, origem)?
22. Quais as expectativas econômicas de todo ano com o projeto?
23. Há outras atividades que vocês realizam que hoje estejam correlacionadas ao projeto? Fale um pouco delas e de como elas estão ligadas ao evento.
24. Como você enxerga esse festival dentro do circuito musical local, regional e nacional?
25. Como você avalia o sentido do festival para o município de Nossa Senhora da Glória? Como a prefeitura e a comunidade reagem?
26. O que acha que o festival significa para as bandas que nele se apresentam?
27. Como você vê a produção e o consumo do público em durante o evento?

ANEXO 02

Questionário com o público Rock Sertão:

1. Sexo: _____ 2. Idade: _____ 3. Profissão: _____

4. Grau de instrução: _____

5. Onde estuda: _____

6. Cidade que reside: _____

7. Participou de outras edições, quais?

8. O que o motivou a comparecer no festival?

9. Frequenta outros eventos semelhantes? Onde, quais, por quê?

10. Qual a importância de eventos como esses para você?

11. Cite uma banda que você gosta:

12. Quais as bandas que se apresentaram no festival que você gosta? Veio assistir algumas em especial?

13. Como vieram? Sozinhos ou acompanhados?

ANEXO 03

Cartazes de divulgação das edições do Rock Sertão:

20 (SABADO)
 ENRAPT
 SONDA VIRTUAL
 URUBLUES
 THE END

21
 WORDS GUERRILLA
 FATOR RH
 MÁQUINA DE ÓDIO
 TCHANDALA
 ANJOS INOCENTES
 ALAPADA

rock sertão 3
 3ª edição vai lá em cima

20 e 21 de Maio
 18hs

PÇA ANTÔNIO A. OLIVEIRA
 N. SRA. DA GLÓRIA - SE

INFO: www.crivo.org/rocksertao | rocksertao@tinet.com.br

ROCK CULTURAL
 O Boticário, SARA, Rede Med, SARA, X, Lenaldo, Roberinho, Glória, Cinform, Glória, Sala, ED'Car, tinet, BR, PETROBRAS

ROCK SERTÃO QUATRO

SEXTA (12)
 BARRONES, KARNE KRUA, PLÁSTICO LUNAR
 TRINCHEIRA, TCHANDALA, NATEIA

SÁBADO (13)
 SONDA VIRTUAL, FATOR RH, URUBLUES
 MÁQUINA DE ÓDIO, MÔK, WARLORD, MARIA SCOMBONA

12 e 13 de Maio
 ÀS 19 HORAS

PÇA ANTÔNIO A. OLIVEIRA
 N. SRA. DA GLÓRIA/SE

Patrocinadores:
 Carlos Gaia, Brissa & Mar, Zebra da Sorte, Jorge Alberto, TOS, Pastor Antônio, Antônio Passos, tinet, [crivo], BOCA, O Boticário, UNICA, POSTOS SÃO JORGE, GLÓRIA GAS, SARA, RS, COLÉGIO EDUCAR, PASTOR ANTÔNIO JESUS, BETO, GLÓRIA, ED'Car, Lenaldo, SUPERMERCADO SP, Rede Med, João das Graças, Perfil, MESTRE NADDO, nininho, O Boticário, Ki Barato, Central Madeireira, Jäckson Barreto, BERLOKUE

Informações: rocksertao@gmail.com / rocksertao@tinet.com.br
 projeto gráfico: crivo / crivo.org@gmail.com / (79) 8107-4099

Rock Sertão

18 e 19.05
pça antônio a. oliveira 19h
na sra. glória/se

Bands listed on crumpled paper:
Alapada, Identidade C, Vauria, The Baggios, Maria Scombona, Scarlet Peace, M.D.K., Matera, Sign of Hate, Four Days, Rotulo, Fator RH, Distúrbio, M.A. Scombona, Scarlet Peace, M.D.K., Matera, Sign of Hate, Four Days, (SAB 19)

Patrocínio:
 UNICA, GLÓRIA GAS, JESUS Selectus, O Boticário, fábrica, Zebra da Sorte, M. Avelan, zceep, itnet, SARA, SONY POINT, TOYS, CHICO DO COBREITO, JOÃO DAS GRAÇAS, SARA, Zebra da Sorte, NOVA SCHIN, GLÓRIA

SERGIPE APRESENTA

23 e 24 maio
Pça Antonio Alves Oliveira
Nsa. Senhora da Glória / SE
A partir das 17:00 horas
[acesso livre]

rock sertão
SEXTA EDIÇÃO

Bands listed:
 THE BAGGIOS / ROTTEN HORROR / JUSTIÇA CEGA / NAUREA / UNICAMPESTRE / ANJOS INOCENTES / DARK VISIONS / SNOOZE / FATO RH / ZECA BALEIRO / MARIA SCOMBONA / SCARLET PEACE / FONTE PARADOXO

www.rocksertao.com.br / @rocksertao

Patrocínio:
 SARA, UNICA, GLÓRIA GAS, JESUS Selectus, O Boticário, fábrica, Zebra da Sorte, M. Avelan, zceep, itnet, SARA, SONY POINT, TOYS, CHICO DO COBREITO, JOÃO DAS GRAÇAS, SARA, Zebra da Sorte, NOVA SCHIN, GLÓRIA

rock sertão

15 e 16 DE MAIO GRÁTIS
na sra. glória/se

15
 FATOR RH
 THE RENEGADES OF PUNK
 CDF
 ROAD TO JOY
 FORTE PARADOXO
 DARK VISIONS

16
 ANÉIS DE VENTO
 MAMUTES
 SALSUGEM
 DR GARAGE EXPERIENCE
 PLÁSTICO LUNAR
 ANJOS INOCENTES
 ALQUID

www.rocksertao.com.br

Patrocínio:
 glória/se, itnet, SARA, UNICA, GLÓRIA GAS, JESUS Selectus, O Boticário, fábrica, Zebra da Sorte, M. Avelan, zceep, itnet, SARA, SONY POINT, TOYS, CHICO DO COBREITO, JOÃO DAS GRAÇAS, SARA, Zebra da Sorte, NOVA SCHIN, GLÓRIA

rock sertão

QUINTA DIA 20
ALEX SANT'ANNA
 A BANDA DOS CORAÇÕES
 PARTIDOS

SEXTA DIA 21
VILLA CARMEN / FATOR RH
MAMUTES / VENDO 147
MOPHO / MUNDO BÁSICO

DIA 22 (SÁBADO)
URUBLUES / ROSIE AND ME
LACERTAE / NAURÉA
KARNE KRUU / IMPACT

DE 20 A 22 DE MAIO
 N. SRA. DA GLÓRIA

ACESSO GRATUITO

APÓIO CULTURAL: aperipé, SERGIPE, Glória, NatVille, tnet

PATROCÍNIO: SERGIPE, Glória, tnet, NatVille

DUAS BANDAS ESCOLHIDAS PELA PÚBLICO NO [ROCKSERTAO.COM.BR](http://rocksertao.com.br)

rock sertão

11 a 14 DE MAIO
 N. SRA. DA GLÓRIA/SE
 ACESSO GRATUITO

DIA 12
 COBRAS E LAGARTOS
 EXIBIÇÃO DE CURTAS
 + BANDA ESCOLHIDA PELA VOTAÇÃO NA INTERNET

DIA 13
 NAURÉA
 FERRARO TRIO
 THE JEZEBELS
 FATOR RH
 ELVIS BOAMORTE E OS BOANIDAS
 KARRANKA
 + BANDA ESCOLHIDA PELA VOTAÇÃO NA INTERNET

DIA 14
 JESSE MONROE
 LACERTAE
 THE BAGGIES
 NUCLEADOR
 ALAPADA
 HATEND
 LADRÃO

PALESTRAS, OFICINAS E FÓRUM DE CULTURA

mais informações no site www.rocksertao.com.br

patrocínio: SERGIPE, Glória, Politécnico Vido, Chêvere, NatVille, GLÓRIA, DOPOSTO, MOPHO, CHEVERE, apoio cultural: aperipé, Perfil, CINFORM, BORG M&A, FORA DO EIXO, netglória, INFO GRAPHICS

rock sertão TO ANOS

de 11 a 14 de JULHO

música, cinema, literatura, artes visuais, palestras e oficinas

12 de julho
 MOSTRA AUDIOVISUAL + TAMBORES DO SERTÃO
 MAMUTES · MAUA
 COUITTO ORQUESTRA DE CABEÇA · FATOR RH
 ONE LAST SUNSET

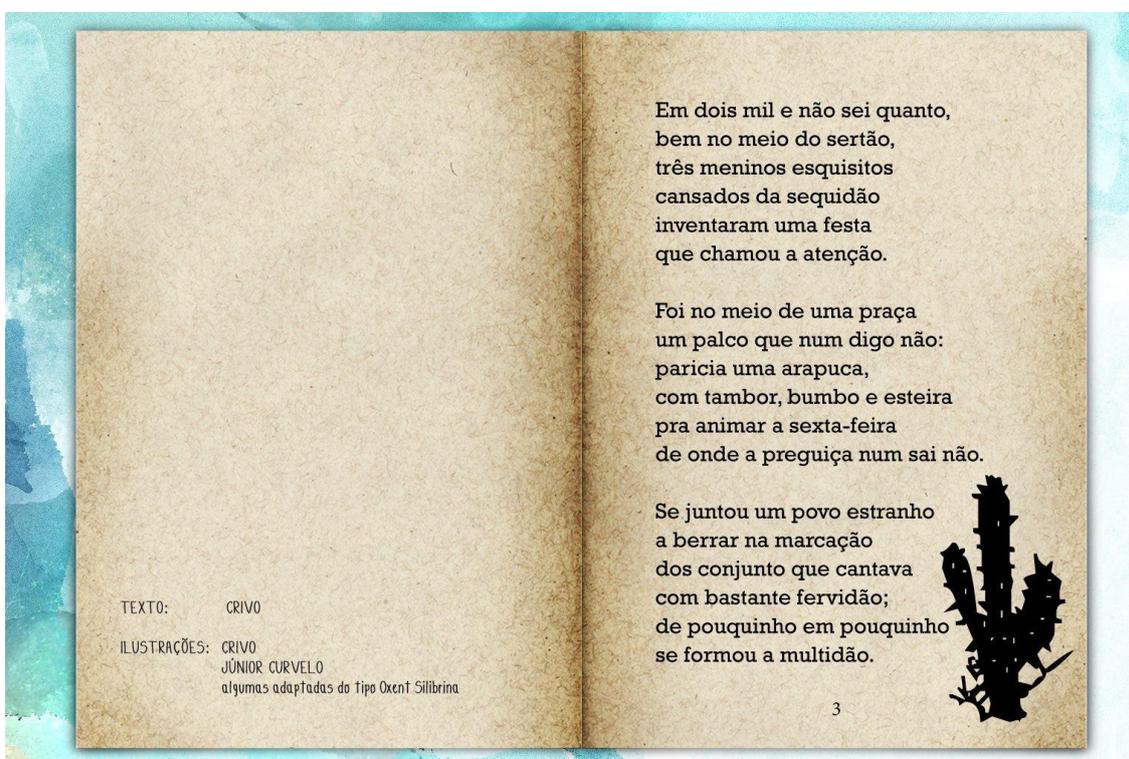
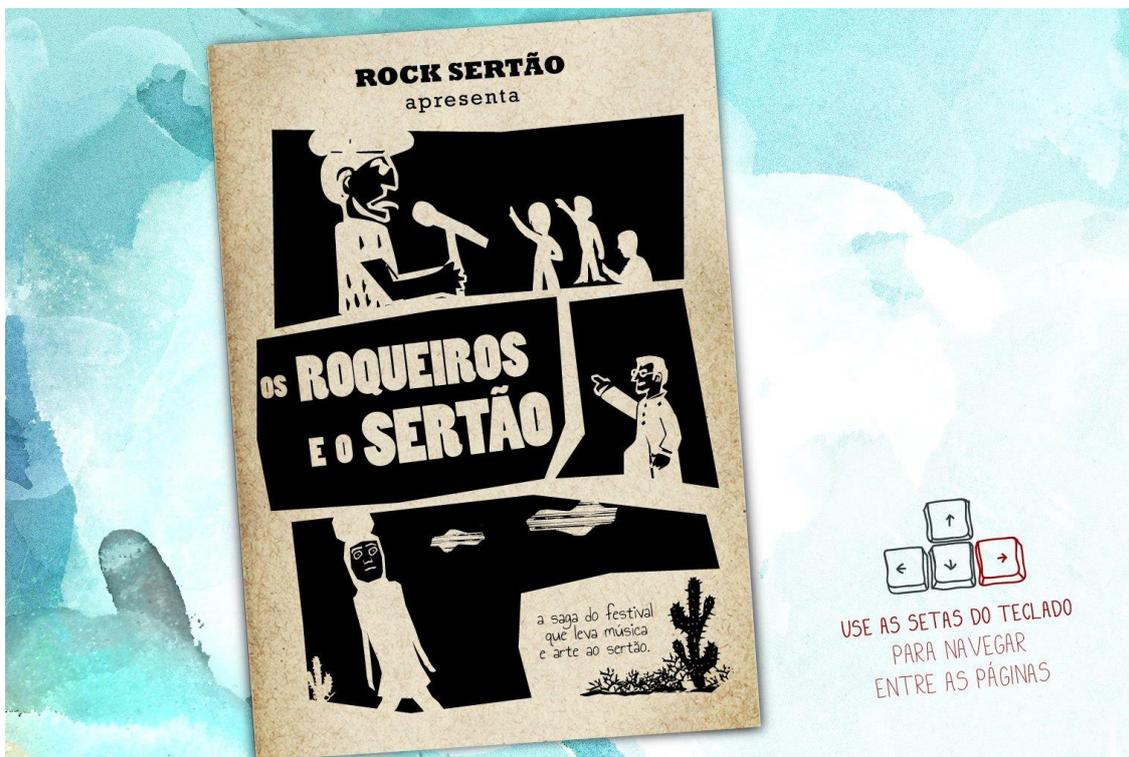
13 de julho
 ÁGUA METEORO
 OGANJAH · KARRANCA
 BAD SNAKE · AUTOPOSE
 SILENT VANITY

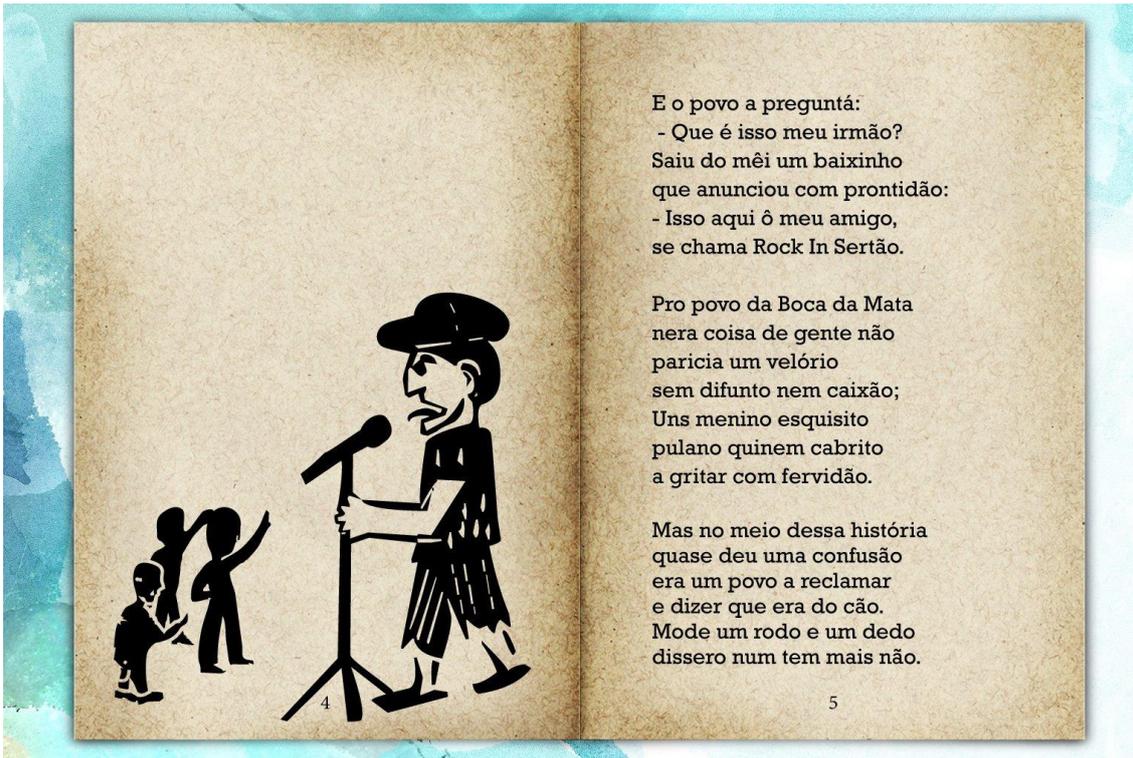
veja a programação completa rocksertao.com.br

patrocínio: NatVille, Glória, tnet, SEBRAE, Jairo, AnaLúcia, M&A, FÓRUM FINE, a8tadome, ABUNSG, NatVille, GLÓRIA, CHICO, netglória, Principia Móveis, Zebra da Dória

ANEXO 04:

Cordel lançado na Feira de Sergipe, para o stand do SEBRAE:





E o povo a preguntá:

- Que é isso meu irmão?

Saiu do mêi um baixinho

que anunciou com prontidão:

- Isso aqui ô meu amigo,

se chama Rock In Sertão.

Pro povo da Boca da Mata

nera coisa de gente não

paricia um velório

sem difunto nem caixão;

Uns menino esquisito

pulano quem cabrito

a gritar com fervidão.

Mas no meio dessa história

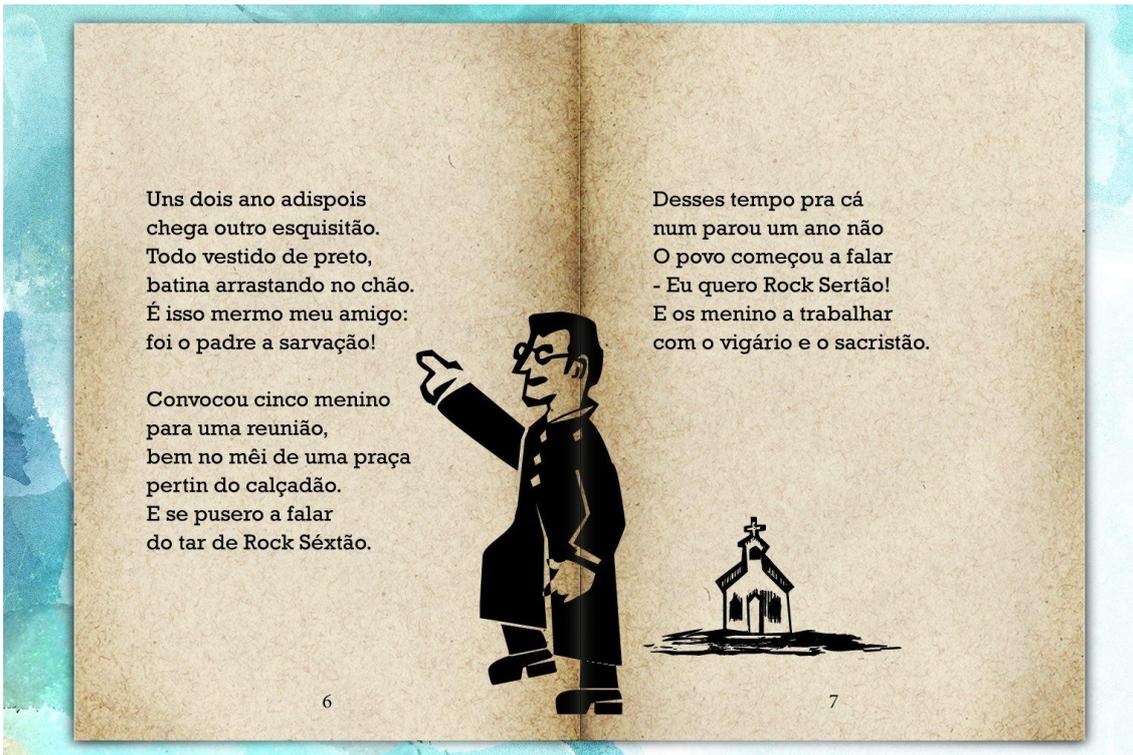
quase deu uma confusão

era um povo a reclamar

e dizer que era do cão.

Mode um rodo e um dedo

dissero num tem mais não.



Uns dois ano adispois
chega outro esquisitão.
Todo vestido de preto,
batina arrastando no chão.
É isso mermo meu amigo:
foi o padre a sarvação!

Convocou cinco menino
para uma reunião,
bem no mêi de uma praça
pertin do calçadão.
E se pusero a falar
do tar de Rock Séxtão.

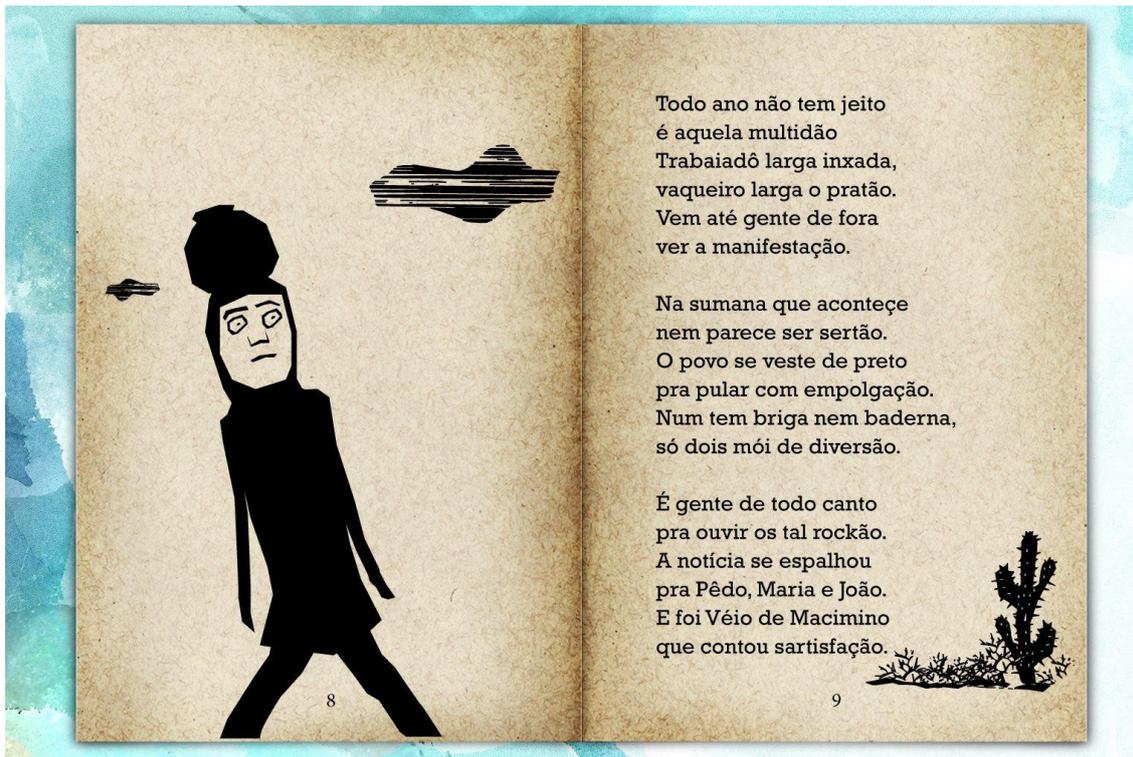
Desses tempo pra cá
num parou um ano não

O povo começou a falar

- Eu quero Rock Sertão!

E os menino a trabalhar

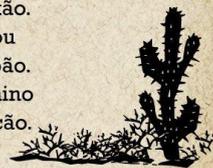
com o vigário e o sacristão.



Todo ano não tem jeito
é aquela multidão
Trabaiadô larga inxada,
vaqueiro larga o pratão.
Vem até gente de fora
ver a manifestação.

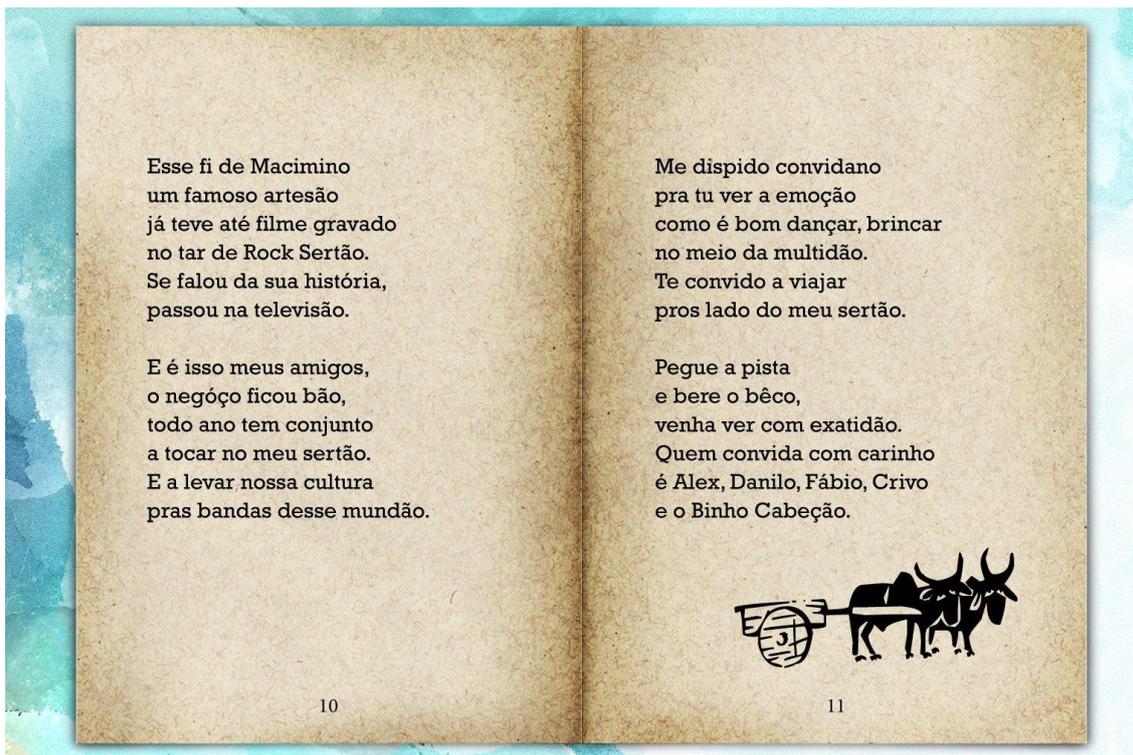
Na sumana que acontece
nem parece ser sertão.
O povo se veste de preto
pra pular com empolgação.
Num tem briga nem baderna,
só dois mói de diversão.

É gente de todo canto
pra ouvir os tal rockão.
A notícia se espalhou
pra Pêdo, Maria e João.
E foi Véio de Macimino
que contou sartisfação.



8

9

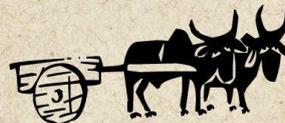


Esse fi de Macimino
um famoso artesão
já teve até filme gravado
no tar de Rock Sertão.
Se falou da sua história,
passou na televisão.

E é isso meus amigos,
o negócio ficou bão,
todo ano tem conjunto
a tocar no meu sertão.
E a levar nossa cultura
pras bandas desse mundão.

Me dispido convidano
pra tu ver a emoção
como é bom dançar, brincar
no meio da multidão.
Te convido a viajar
pros lado do meu sertão.

Pegue a pista
e bere o bêco,
venha ver com exatidão.
Quem convida com carinho
é Alex, Danilo, Fábio, Crivo
e o Binho Cabeção.



10

11